

N. 515
19-2-48

ESPORTE







Ilustrado

CR\$ 1,50
CR\$ 2,00
DOS ESTADOS



TURFE de BINOCULO em PUNHO por GALHARDO GUAYANAZ

Sábado

	TOPETUDO	1º
	AZA BRANCA HOSANA CHIBATE	2º
	SEGREDO ITAI JAQUARÃO CHICO	3º
	FINE CHAMPAGNE FURÃO	4º
	FEMURAL VALETA LEMA	5º
	CATALINA	6º

Topetudo alcançou, no primeiro páreo da última sabatina, o seu segundo sucesso na Gávea. Corriam apenas quatro animais, e Topetudo era, de fato, um provável ganhador. Afóra River Girl, que era considerada a maior «barbada» do programa, Topetudo era o animal que se impunha. Mas Topetudo é um cavalo duro de queixo; sempre desgarrou na entrada da reta. Só uma vez não tinha desgarrado — e foi no dia em que conquistou a sua primeira vitória, redeado por Pedro Costa. Agora, montado por O. Macedo, era de esperar-se que desgarrasse e que, consequentemente, ficasse fora de corrida quando a reta fosse atingida. E, atingida a reta, Topetudo desgarrou, de fato... mas o seu piloto, ao invés de contrariá-lo e forçá-lo a voltar para junto da cerca interna, deixou-o ir até a cerca externa... e Topetudo ganhou fácil, de galope, enquanto River Girl chegava caindo aos pedaços, perdendo ainda o segundo lugar para Cômica.

No segundo páreo, Irigoyen derrotou Juan Vidal. Sim, foi isso mesmo: não foi o cavalo que ganhou a corrida, foi o jóquei. Hosana já trazia a vitória assegurada, quando surgiu Chibante, aparatosamente tocada por Irigoyen. A diferença foi exigua, tanto assim que se chegou a pensar em olho mecânico — mas patente.

Itai, como nem poderia deixar de ser, em face das suas anteriores atuações, foi eleita franca favorita do terceiro páreo. Mas fracassou, tirando apenas um modesto segundo lugar, impondo-se a duras penas a Segrêdo. Pelo fato de haver chegado em segundo, muitos acharam normal a disputa. Nós, entretanto, não gostamos do seu resultado. Itai saiu bem, correu na ponta os primeiros 100 metros, depois ficou para segundo, para terceiro, para quarto... e só não deixou passar mais ninguém porque os demais concorrentes são muito ruins. Atingida a reta, foi levada para fora, depois trazida para dentro... Ora, quem a viu apertar Itaimbé num final roxo, impondo-se a Ginger, Guaximba e Informador, não pode naturalmente se conformar com esse modesto








segundo lugar, numa turma infinitamente mais fraca. Mas aguardem a sua próxima inscrição... e joguem — se não for favorita.

Furão, depois, venceu fácil. Mas Fine Champagne correu muito mais do que se esperava. E Lema, no quinto páreo, redeada por Geraldo Costa, conquistou talvez a mais bela vitória da tarde. Foi a penúltima a pular, num páreo de 1.200 metros, disputado por dez animais... Mas Geraldo não se precipitou. Foi progredindo gradativamente, para dominar, um por um, todos os adversários. Valeta e Dona China, que mereciam tanta fé por parte de Claudemiro Pereira, a ponto de julgar líquida a «dobradinha», figuraram em primeiro e segundo durante a primeira parte do percurso, mas esmoreceram no final, ante a carga de Lema.

Isloti encerrou vitoriosamente a reunião de sábado. Era, de fato, a força do páreo, mas, inexplicavelmente, foi abandonada nas apostas, enquanto White Face aparecia como favorito destacado, para ficar parado no pulo de partida...

A reunião de domingo foi favorável à catedral. Dos sete páreos disputados, cinco foram levantados por animais favoritos: Poeta, Platero, Samburá, Vodka e Halina. Telefonema, o vencedor do segundo páreo, não foi favorito, mas também não se pode dizer que tenha sido um grande azar. Era uma das indicações do retrospecto e o piloto que o conduzia — Geraldo Costa — é sempre uma garantia para os apostadores. Jandaya, a vencedora restante, essa sim, foi um grande azar, pois bateu mais de 200 cruzeiros. Mas não se pode absolutamente dizer que a sua vitória não era esperada: tinha trabalhos ótimos e estava muito falada. O que falhou, nesse páreo, foi o retrospecto, pois Denbitt, que a nosso ver era a força da carreira, nunca esteve na corrida, embora em atuações anteriores, sempre tivesse chegado na frente tanto de Jandaya como de Darling, a segunda colocada. Quanto a Ilmenita, nada fez até agora. A sua melhor corrida foi realizada no dia em que chegou em terceiro para Queite e Dona China, mas... que significação têm as competidoras que conseguiu sobrepujar?

Domingo

	CORRIENTES POETA	1º
	DINAZIT COTIARA PONGANY GRAN DUQUE	2º
	MIRALUMO MALO PLATERO	3º
	HIGHLAND SAMBURA'	4º
	ATRIA ALVORADA DARLING JANDAYA	5º
	VODKA	6º
	ARROZ DOCE IHETA HURI HALINA	7º

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA



A METEOROLOGIA E O FUTEBO

Por ALVES MORGADO
De "A Bola" de Lisboa

Não é segredo para ninguém que a meteorologia é uma ciência muito positiva, pelo menos na influência que exerce sobre coisas e pessoas. E as pessoas e as coisas não podem furtar-se à sua ação benéfica ou maléfica.

Os homens, apesar de todo o seu poder, que é já muito grande, jamais chegarão a comandá-la.

E' verdade que os americanos têm hoje um comando-chefe das "Forças da Natureza", com o respectivo Quartel General. E' verdade que se tem conseguido fazer chuva artificial, bisnagando as nuvens com certo produto. E' verdade que há homens, do figurino totalitário, que julgam fazer o bom e o mau tempo. Tudo isto é verdade. Mas o Comando-chefe das "Forças da Natureza" não faz parar um tufão; os bisnagadores de nuvens não conseguem chuva bastante para fazer germinar um feijão-frade ou uma couve-galega, e os homens que fazem o bom e o mau tempo, morrem "às mãos" de infimos micróbios.

Em resumo: os homens passam e a Natureza fica. E fica, a influência tudo e todos, sobretudo o desporto da bola redonda. Melhor: de todas as bolas, inclusive o Mundo, que é, também, uma bola, para servir de recreio ao Supremo Arquitecto, no grande Estádio do Universo.

Não é segredo para ninguém — e voltamos ao princípio — que as condições meteorológicas podem influir nos jogadores e no jogo.

O vento, por exemplo, pode estar contra ou a favor. Contra, quando sopra pela frente. A favor, quando sopra pelas costas.

O Sol também pode ser contra ou a favor: no primeiro caso, quando incide no rosto dos jogadores; no segundo, quando dardeja pelas costas.

A chuva é, agora, igualmente, um elemento a considerar. Antigamente, não havia chuva a favor nem contra. Havia só chuva — a molhar, indistintamente, os ossos dos vinte e dois esqueletos em luta, sem contar com os esqueletos do apito e das bandeirinhas.

A partir do Portugal-Suiça, porém, a chuva passou a alinhar, com o vento e o Sol, na produção de malefícios ou benefícios. Os senhores lembram-se do Portugal-Suiça, no Jamor, desenrolado debaixo de uma catástrofe meteorológica?

Lembram-se, com certeza! E' natural, até, que tenham estado entre os 15.000 "heróis", hoje lendários, que assistiram ao grande "match" de "water-foot-ball".

Pois bem. Segundo rezaram as crônicas da época, os suíços dominaram e "quase" ganharam (o resultado foi um empate, mas eles marcaram um terceiro "goal" que o árbitro "milagrosamente" anulou), porque a chuva era copiosa, quicá diluviana. A chuva favoreceu os suíços, certamente por eles estarem mais acostumados a jogar debaixo de água. Passou-se tempo, e o Sport Clube de Vila Real, até ali invicto, foi jogar a Oliveira de Azeméis e perdeu, por 6 a 0. Mas devia ter

(Conclui no pé da última coluna)

LEVY KLEIMAN

fala aos DESPORTISTAS DE TODO O BRASIL

REMEDIO MILAGROSO PARA O ESPORTE NACIONAL

Não será esta a primeira nem a última vez que abordaremos este assunto. Um autêntico «ovo de Colombo» para o amparo necessário ao esporte em nosso país.

Olhem para a realidade. A C.B.D., em face da falta de fundos, viu-se obrigada a realizar os campeonatos brasileiros de diversas modalidades de dois em dois anos, e deixou de comparecer a uma série de compromissos internacionais pelo mesmo motivo, ou seja, a falta de dinheiro. Exemplos recentes: campeonato sul-americano de futebol, em Guayaquil, e campeonato mundial de tênis de mesa, em Londres, sendo que em ambos poderíamos ter feito boa figura. O Comitê Olímpico Brasileiro pensou, a princípio, em levar às Olimpíadas de Londres as diversas equipes num navio especial. Depois surgiu a medida de que em certas modalidades somente iriam os atletas que tivessem índices mundiais, seleção esta que foi sugerida pelos conselhos técnicos de atletismo e natação da C.B.D. O Comitê Olímpico anunciou, em sua última reunião, que as diversas equipes iriam a Londres, via aérea, o que equivale dizer que a delegação será muito reduzida. Para custear as despesas serão emitidos diversos selos esportivos, comemorativos da conquista do título olímpico de tiro em 1922, da vitória de Mário Márcio Cunha nos 400 metros sobre barreiras no sul-americano de 1941, da atuação de Piedade Coutinho nas Olimpíadas de Berlim, e da campanha invicta do selecionado de basquete no sul-americano de 1946. Além das vendas dos selos, o Comitê Olímpico espera contar com a boa vontade do Jockey Club Brasileiro em destinar-lhe a renda de uma corrida especial. O C.N.D. teve a sua pequena verba de subvenções ainda mais diminuída. Isto aqui no Brasil.

Na Argentina o governo dá franco apoio ao esporte. Empréstado dinheiro aos clubes para a construção dos seus estádios, patrocinando o comparecimento do selecionado argentino ao sul-americano do Equador, e promovendo a ida de uma grande delegação argentina às Olimpíadas de Londres num navio especial.

O equilíbrio técnico entre Brasil e Argentina nas diversas modalidades não pode ser negado. Irão a Londres, no entanto, atletas argentinos sem índice técnico mundial, a fim de que possam ganhar aquilo que se denomina experiência internacional.

Em resumo: há dinheiro na Argentina para o desenvolvimento esportivo. No Brasil o esporte nasceu, cresceu e viveu até hoje do esforço particular. Encontra-se, agora, num período de estagnação, e para sair desta inércia necessita de um apoio mais forte. Dinheiro não há! Quem foi que disse? O estádio municipal não vai ser construído à custa da venda das 30 mil cadeiras cativas? Duvidamos um pouco, porque, apesar de toda a propaganda, o número de compradores é bastante restrito. O estádio poderia ser construído com a ajuda do público, porém de modo diferente, isto é, sem ninguém sentir e com menos 30 mil pessoas de «deficit» por jogo, nos primeiros 5 anos.

Há tempos já tivemos ocasião de divulgar que na Suécia, um dos mais adiantados centros esportivos, o esporte é subvencionado pelo governo, por intermédio de um bolo esportivo das partidas de futebol. Em outros países em que o futebol se encontra em grau adiantado, isto é, grande público, muitas equipes e técnica superior — Inglaterra e Itália — os bolos esportivos dos jogos constituem uma grande atração para o povo, e produzem enormes rendas. Aliás, ESPORTE ILUSTRADO teve oportunidade de divulgar, numa grande reportagem, fartamente ilustrada, em seu número de aniversário do ano passado, o enorme movimento das apostas de futebol na Inglaterra.

Os técnicos dirão logo: bolo esportivo é jogo! O jogo está proibido. Apostas em corridas de cavalos também é jogo, mas a renda é aplicada no desenvolvimento do turfe no Brasil, pois com os prêmios pagos pelas sociedades os proprietários dos animais podem manter haras de reprodução. O Conselho Nacional de Desportos controlaria, inicialmente, as apostas de futebol no Rio, em S. Paulo e em Belo Horizonte, e com a renda poderia subvencionar as entidades, clubes, excursões e até a construção do estádio municipal.



CAPA — Castilho, goleiro do Fluminense. Veio do futebol gaúcho para o tricolor, e começou a aparecer durante o campeonato carioca de 1947, finalizando o certame como titular da posição. Constituirá o trio final do Fluminense, em 1948, com Gualter e Haroldo.

CONTRA-CAPA — Lula, extrema direita do Palmeiras. O veterano atacante, que atuou no Bangú e Botafogo, conseguiu excepcional êxito no futebol bandeirante, sagrando-se campeão. Foi o artilheiro-mór do certame, e ficou sendo conhecido de "Canhãozinho" pelos violentos chutes que desferia.



VOLLEYBALL

(Continuação)

REGRA XIV

ABANDONO DE JOGO

O quadro que se recusar a jogar depois de receber ordem do juiz para fazê-lo, será considerado vencido por abandono do jogo ou da partida.

REGRA XV

DECISÕES

a) — As decisões das autoridades do jogo em matéria de fato são finais.

b) — Para ressaltar o direito de ação ulterior as decisões que envolverem interpretação das Regras deverão ser protestadas no ato exclusivamente pelos capitães.

c) — Quando uma questão pertinente à interpretação de Regras não for decidida concludentemente em campo, devendo ser levada a instância superior, o jogo prosseguirá de conformidade com a decisão do juiz, que fará constar o protesto da súmula da partida.

F I M .



perdido por muito mais, segundo lemos numa crônica. Que foi o que salvou os transmontanos de maior derrota? Simplesmente a chuva, segundo garante o cronista.

Daqui para o futuro, temos que considerar a chuva como elemento primaz na factura dos resultados em futebol.

A chuva, como o vento e o Sol, pode estar contra ou a favor.

Se está a favor, o grupo que dela beneficia pode levar seis a zero. Se está contra, o grupo que a tem por adversário arrisca-se a ganhar, por seis a zero.

Parece-nos, porém, que o elemento chuva, em jogos de futebol, pode ser suprimido. O Sol, por exemplo, não pode ser anulado. Não há ainda, ao dispor dos homens, interruptores que apaguem a iluminação eléctrica do Mundo, com um simples toque de dois dedos. E o vento também não. Por enquanto, é impossível enjaular esses brincalhões que dão pelos nomes de Eolo, Boreas, Zefiro, etc.

Mas a chuva, sim. Pode-se, facilmente, evitar o seu partidarismo por qualquer dos grupos em luta... E' equipar os jogadores — com chapéus de chuva...



Um dos grandes instantes de Batatais, quando era cumprimentado pelo presidente da F. M. F., Vargas Neto, pela conquista do título de campeão brasileiro.

A VERDADE É ESTA...

O "CASO" BATATAIS FOI ASSIM...

JUIZES DECIDINDO PELO CORAÇÃO CONTRA A LEI — UMA COISA É IMPRESTAVEL, OUTRA É VALER X

Reportagem de MAURO PINHEIRO

Quando há tempos, por estas mesmas páginas, me referi ao "caso" Batatais em outra seção, destinada às críticas, o fiz mostrando o lado de ser uma razão de um clube que não se movia por um jogador que lealmente defendeu o seu pavilhão durante dez e prolongados anos.

Todavia o fiz, baseado no sentido moral, humanitário e não dentro de leis ou sequer afirmando ter o clube cometido o pecado de expulsar um jogador que defendeu-o durante este prazo, considerando-o imprestável.

Ai, viro a face das coisas, porque elas tomam outro aspecto.

Estamos assim, diante da sentença pronunciada pelos eminentes juizes do Supremo Tribunal de Justiça do Trabalho que foram contrários às duas soluções anteriores proferidas também por juriconsultos e a última das quais pelo Tribunal Regional do Trabalho.

Uma coisa é analisar os fatos, pensando no futuro do jogador, e outra é condenar dentro de leis uma agremiação, um empregador,

culpando-o por uma infração que afinal ele não cometeu.

Para isto, e pensando que talvez assim as coisas ficassem melhor aclaradas aos nossos leitores, vamos espelhar os fatos com a mais absoluta isenção de animo, narrando-os apenas, como eles se sucederam. No final com um balancete mostraremos, si de fato, nesse prologo, estamos ou não certos, julgando e apreciando fatos com bom senso, dentro das normas da logica e razão de ser.

DE 1935 A 1945, ELE FOI ASSIM...

Batatais ingressou no Fluminense naquele ano, naquele final de 1935, e com ele vieram mais outros companheiros da antiga seleção bandeirante, sagrada campeã brasileira de futebol naquele ano.

Dêde logo se revelou não apenas um ótimo arqueiro, no sentido técnico, como também um profissional modelar. Disciplinado, acatando com facilidade os seus deveres para com o clube que o escolheu e pelo qual ele tomou grande afição, Batatais grangeou em Alvaro Chaves um ambiente dos melhores. Num grêmio aristocrata, ele foi considerado um filho. A deserção de Batatais significaria a derrota.

Naturalmente os anos se passaram e tudo pôde acontecer.

hém não o deixou mal nos piores momentos de sua vida.

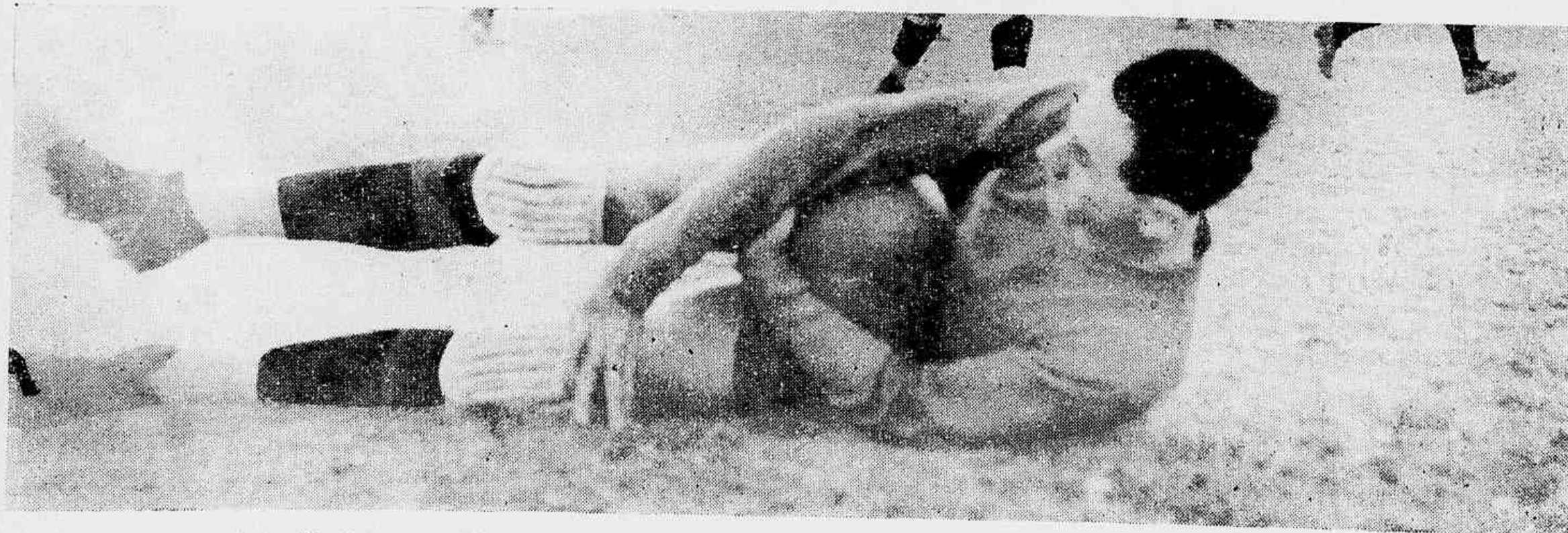
A HISTÓRIA DO CASAMENTO, A COPA DO MUNDO, A COPA ROCA...

Si em 1940 Batatais defendeu o arco do Fluminense até o ultimo instante, garantindo-lhe um campeonato, si em 1944 ele era meio team e si ainda em 1945, vencido pelas jornadas tinha a sua vez no grande clube de Alvaro Chaves,



Batatais numa pose predileta, antes de um grande jogo.

não é menos verdade que Batatais atravessou suas dificuldades e dificuldades que o venceriam de vez, fosse ele colocado no ostracismo. Devemos, — é forçoso que se diga, — recordar que o Fluminense é um clube e não serão derrotas no campo de luta que irão abalar o seu prestigio ou a sua organização, mas sabemos perfeitamente o quanto um fracasso moral, sem o verdadeiro amparo poderá custar a um ser humano... Batatais esteve



A torcida berrava em lances iguais a esta. E' sorte! O goleiro paulista, porém, tinha noção de colocação.



A torcida tricolor quando homenageou o goleiro por 10 anos de bons serviços ao Fluminense, oferecendo-lhe, entre outros mimos, um quadro fotográfico, ricamente emoldurado, em que aparecem o kiper, sua esposa e os dois filhos. Em casa, Batatais e sua família admiram o presente da torcida.

três vezes assim... E, quem o amparou?...

Respondam se puderem com formas falsas e por outros canais menos verossímeis, mas a resposta honesta é uma só — o Fluminense! Quando voltou vencido pelo "complexo do scratch" pela primeira vez na Copa do Mundo, ele continuou sendo o titular da meta do Fluminense. Não foi afastado e teve todo o amparo dos dirigentes das Laranjeiras. Aquela tragédia do suicídio de sua mulher após uma história triste, foi esbarrar aonde?... Encontrou ele o desespero? Não e porque? Porque o Fluminense, sempre por meio dos seus dirigentes o confortaram e souberam amparar. O mesmo se deve dizer, depois em 1939 quando da Copa Roca com os argentinos. Batatais deixando passar bolas por entre as pernas, desmoralizado para o público. E quem o levou ao novo período de glórias nos gramados? Quem, senhores? — O Fluminense!

OS TORCEDORES GRITAM? MAS QUEM? OS MESMOS QUE GRITAVAM ANTES: TADEU! TADEU!

Claro, claríssimo. Agora, eles falam do que não sabem e gri-

tam, como gritava Judas aos inimigos, — apontando Jesus aos inimigos, — após vendê-lo e atraí-lo.

Quando o Fluminense, com muitas razões maiores e mais fortes amparava o seu profissional, após aquela dolorosa tragédia, eles, esses mesmos torcedores que hoje apontam como infiel o club das Laranjeiras, atrás do goal de Batatais, gritavam com a força dos seus pulmões: "Tadeu! Tadeu!", chegando às ralas de parodiar uma música de carnaval da época: — "Na casa do Batatais, Tadeu é quem manda mais..." São esses mesmos homens que hoje procuram nas rodas, nos boquetes e até quem sabe si não em outros centros maiores incriminar o gremio das Laranjeiras.

EM 1945 DEU-SE ISSO...

Quando por meio de um laudo do seu técnico na época, Gentil Cardoso o Fluminense resolveu não mais conceder ao seu keeper Batatais a meta titular da sua equipe, deu-se a celeuma, que hoje foi esbarrar nos tribunais por força de uma petição do jogador.

O reporter que escreveu estas linhas, leu o relatório de Gentil

que dizia bem claro — "excelente profissional, tecnicamente ótimo na excursão, mas encontra-se no apice de sua carreira. Deverá ser aproveitado como massagista". E, isto porque Gentil o havia aproveitado nesse mister durante a excursão ao norte. Com essas palavras, deve ser afastada a culpa de Gentil Cardoso, no não aproveitamento de Batatais, como muitos querem admitir.

Outra coisa. O que fez o Fluminense? Mandou chamá-lo. Batatais solicitou 40 contos por um ano ou 80 por dois para renovar o seu compromisso, isto é nas mesmas bases do contrato anterior. O Fluminense fez-lhe ver que de acordo com o Departamento técnico, suas condições já não eram as mesmas de dois anos atrás. Fez-lhe uma contra-proposta de 25 mil cruzeiros por um ano, no qual ele não mais iria ser o mesmo jogador, chamado como titular da equipe, depois ele haveria de permanecer o restante dos seus dias nas Laranjeiras. Batatais não concordou. O Fluminense aguardou sua resposta final e ele chegou a irritar-se. Fez declarações, insuflado pelo seu sogro, achou que poderia realizar isso e aquilo e acabou deixando o clube.

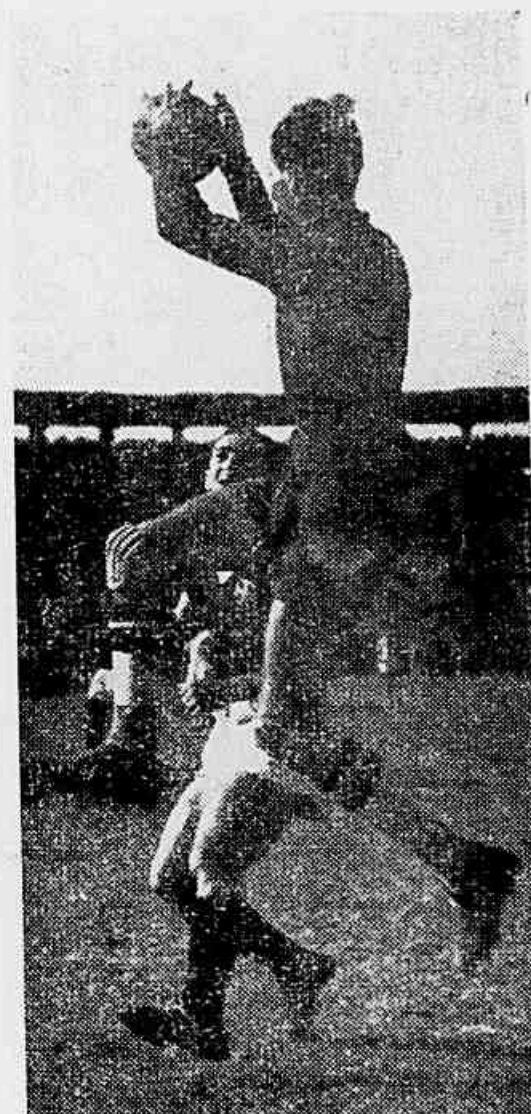
Foi para o América e, — notem bem, — assinou um termo de transferência, assim o fazendo por sua livre e espontânea vontade. Antes de ir para o América, andou treinando no Vasco da Gama e com outros clubes manteve negociações. Mas, nenhum deles lhe ofereceu melhor contrato que o Fluminense, nem o próprio América com o qual assinou um compromisso. Lógico, amigos, o Fluminense não o mandou embora e nem tão pouco deixou sequer de oferecer ao seu profissional de dez anos um contrato inferior ao que outros lhe deram.

E, depois havia mais...

A GERENCIA DO CLUBE ERA SUA! OS CASOS BRANT E OROZIMBO!

Acrescente-se mais, que si Batatais tivesse aceito o compromisso que o Fluminense lhe ofereceu, findo o mesmo, ele seria empregado do clube automaticamente,

tal como sucedeu com Brant e Orozimbo, veteranos e dedicados defensores do clube, dos quais o Fluminense não esqueceu e que hoje são, um Chefe de almoxarifado e outro contador do Clube. Note-se além de tudo que Orozimbo depois de defender o Fluminense, ainda passou um ano jogando em São Paulo. Logo o tricolor não abandona, como se propala os seus defensores. Para Batatais estava assegurada a gerência do clube, cargo hoje que



Batatais encaixa num avanço perigoso de Villadoniga, do Vasco

com o seu "não", vem sendo ocupado por Murilo, um antigo extrema esquerda do quadro de amadores do clube.

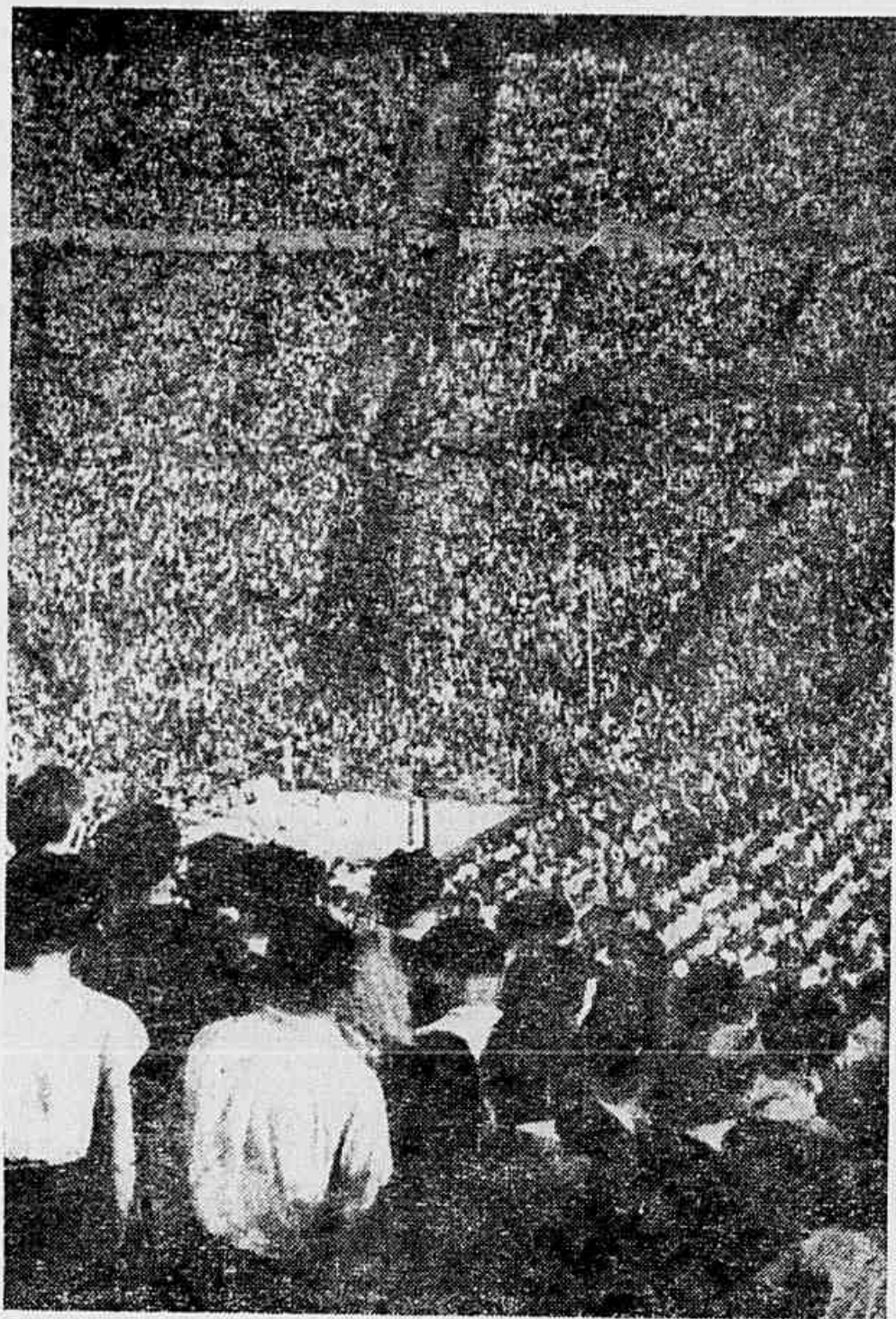
AGORA, NUMA RECAPITULAÇÃO — O JULGAMENTO FINAL!

Mesmo depois de tudo, o Fluminense por meio dos seus dirigentes continuou visitando Bata-

(Continua na pág. 12)



Batatais quando era ovacionado pelos seus companheiros de time, Ademir, Pinhegas, Gualter, Orlando, Bigode, Haroldo, e Juvenal



O box renasce na Alemanha. O povo acorre aos estádios para desfrutar o ar livre e desse prazer quase olvidado das competições esportivas. Vemos acima um flagrante do estádio do bosque — Waldbühne — para 30.000 pessoas, onde se exibiram Max Schmelling e Conny Rux



Também o São Cristóvão F. R. vai incrementar com grande entusiasmo o seu Departamento de Pugilismo.

Além de apresentar novos amadores nos Campeonatos de 1948, o São Cristóvão deverá organizar grandes competições de box, luta livre e catch João Argento, Orlando Teixeira e Abílio d'Almeida estão programando uma série de

competições pugilísticas a serem realizadas na quadra de basket do S. Cristóvão que terá suas obras terminadas e preparada para a realização de espetáculos pugilísticos.

★

É possível que a Empresa Universal de Pugilismo, que atualmente está operando em São Paulo, com espetáculos de catch, e que conta com os catches Antonio Rocca, Cernadas e Nick, "the policeman" e outros, virá organizar espetáculos de catch no Rio que possivelmente serão disputados no ring do S. Cristóvão F. R.

★

David Kui Kong Young, pugilista

ESMURRANDO

POR R.A.A. COUTINHO

O aparecimento do box no Rio de Janeiro

Em 23 de setembro de 1928 foi realizada na Academia Carioca de Box uma competição pugilística, com os seguintes resultados:

1º combate — Pêso Gale — 4 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Anibal Fernandes. Luis Cramilo x Henrique Cunha. Venceu por pontos Henrique Cunha.

2º combate — Pêso Pena — 4 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Albino Barreto. Silvio Gonzalez x Antônio Canepa. «Match-draw».

3º combate — «Match» acadêmico. Antônio Fernandes x Jim Berry.

4º combate — Demonstração. Jack Tigre x Artur Ferreira.

5º combate — Pêso Leve — 4 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Anibal Fernandes. José dos Santos x Júlio Souza. Este «match» terminou empatado.

6º combate — «Match»-demonstração. Alípio Santos x Eurico Rodrigues.

«Match» final — Pêso Médio — 4 «rounds», com luvas de 8 onças. Juiz: Arduino Burline, que ofereceu uma rica medalha ao vencedor. Vitorino Tórres x Cid Campos. Venceu por pontos Cid Campos, decisão mal recebida pelo público.

Em 13 de outubro de 1928, Vilaça Guedes, que foi na época um grande animador do box carioca, organizou uma grande noite pugilística, com os seguintes resultados:

1º combate — Pêso Mosca — Em 3 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Kid Aubert. José Martins, 49 kl x Henrique Cunha, 49 kl. Venceu por pontos Henrique Cunha.

2º combate — Pêso Leve — Em 3 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Kid Aubert. Jim Borges, 60 kl x Pinto Gomes, 60 kl. Venceu Pinto Gomes por K.O.T. no 3º «round».

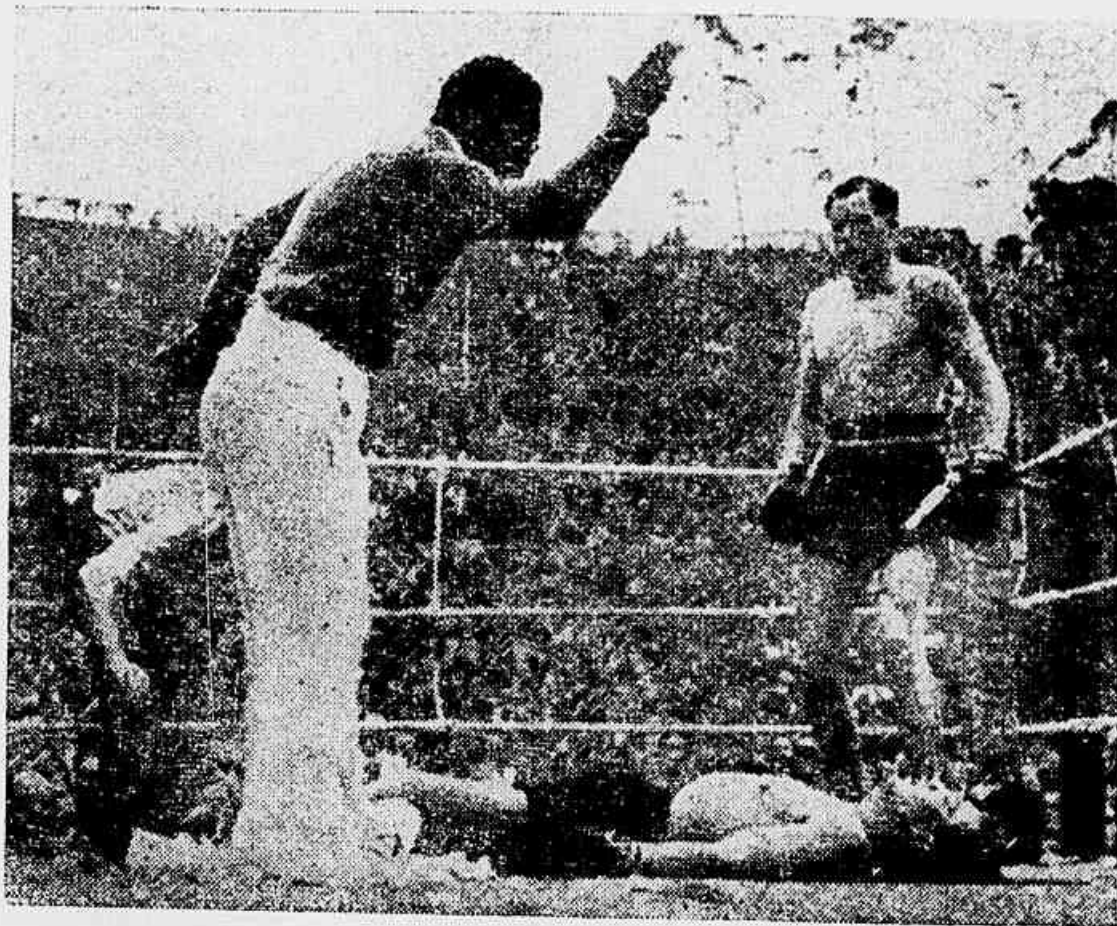
3º combate — Pêso Leve — Em 3 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Tenório de Albuquerque. Baltazar Cardoso, 60,500 kl x Artur Mac Laren, 61 kl. Venceu Artur Mac Laren por desclassificação.

4º combate — Pêso Gale — Em 5 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Tenório de Albuquerque. Izidro Sá, 53,600 kl x Manuel Carlos, 54 kl. Venceu Izidro Sá por K.O. no 1º «round».

5º combate — Pêso Meio-Médio — Em 5 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Kid Aubert. Vieira Cid, 64 kl x Cesar Dix, 63,400 kl. Venceu por pontos Vieira Cid.

6º combate — Pêso Leve — Em 5 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: César Augusto. John Quiles, 60,500 kl x José Reis, 62 kl. Venceu por pontos José Reis.

7º combate — Pêso Médio — Em 5 «rounds», com luvas de 6 onças. Juiz: Kid Aubert. Paulo Spath, 68 kl x Manuel Cardoso, 68 kl. Venceu por abandono no 5º «round» Manuel Cardoso.



Conny Rux vinha se destacando entre os novos profissionais alemães, mas Carl Schmidt interrompeu bruscamente a sua carreira vitoriosa, deixando-o estendido na lona no 2.º «round».

lista de Honolulu ganhou o título havaiano e oriental de peso-galo quando noqueou tecnicamente no sétimo round ao campeão Clever Leyte.

Na mesma ocasião, Carl Olson, também de Honolulu obteve o título de peso-médio ao vencer por decisão a Boy Brooks, de Filipinas.

★

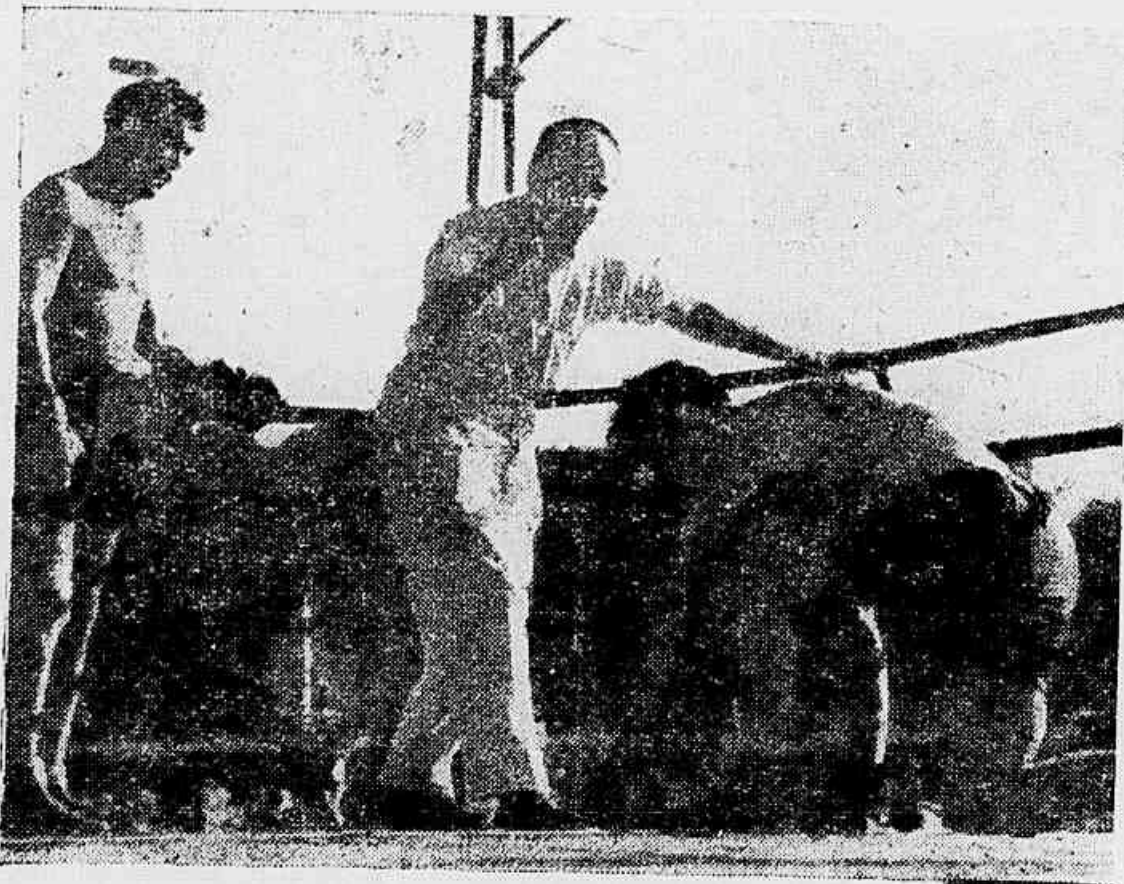
Enrique Bolanos, aspirante ao título mundial dos pesos-leves, conseguiu um retumbante triunfo, por pontos, em 10 assaltos, no Olympic Auditorium sobre Julio

Jimenez, pugilista mexicano. Nove mil pessoas assistiram ao sangrento combate disputado em Los Angeles.

★

Maxie Docusen, peso-leve de New Orleans, obteve em 27 de Novembro último, em Oakland, o seu nono triunfo consecutivo ao derrotar a Billy Gibson, de San Francisco.

Maxie Docusen é filipino e é também aspirante ao título mundial.



Max Schmelling venceu Werner Vollmer por «knock-out» no sétimo «round», porém o público ficou indiferente. Os entendidos acham que o «Schmelling de Ouro» está muito longe de ser o que era.

AUTOMOBILÍSTICAS

Por MAX GOLD

Assisti à mais emocionante e disputada corrida já realizada na América do Sul. Um verdadeiro sucesso. Desprezei o convite para a tribuna oculta, e da «terrace» do Hurlingham Hotel, donde descortinava 80% do circuito, e deitado para evitar uma descida sem paraquedas, acompanhei a competição que foi o «Circuito de Mar del Plata».

Antes de entrar na descrição da prova, devo dizer que o nosso Chico Landi, treinando no sábado de madrugada, partiu uma biela da Alfa-Corse, e só participou da prova graças à gentileza de Platé, que lhe emprestou uma Maseratti, 16 válvulas.

Bem, agora vamos à prova. Assim se alinharam os concorrentes: 1ª fila — Villoresi (17), Farina (16) e Wimille (3).

2ª fila — Fangio (11) e O. Galves (14).

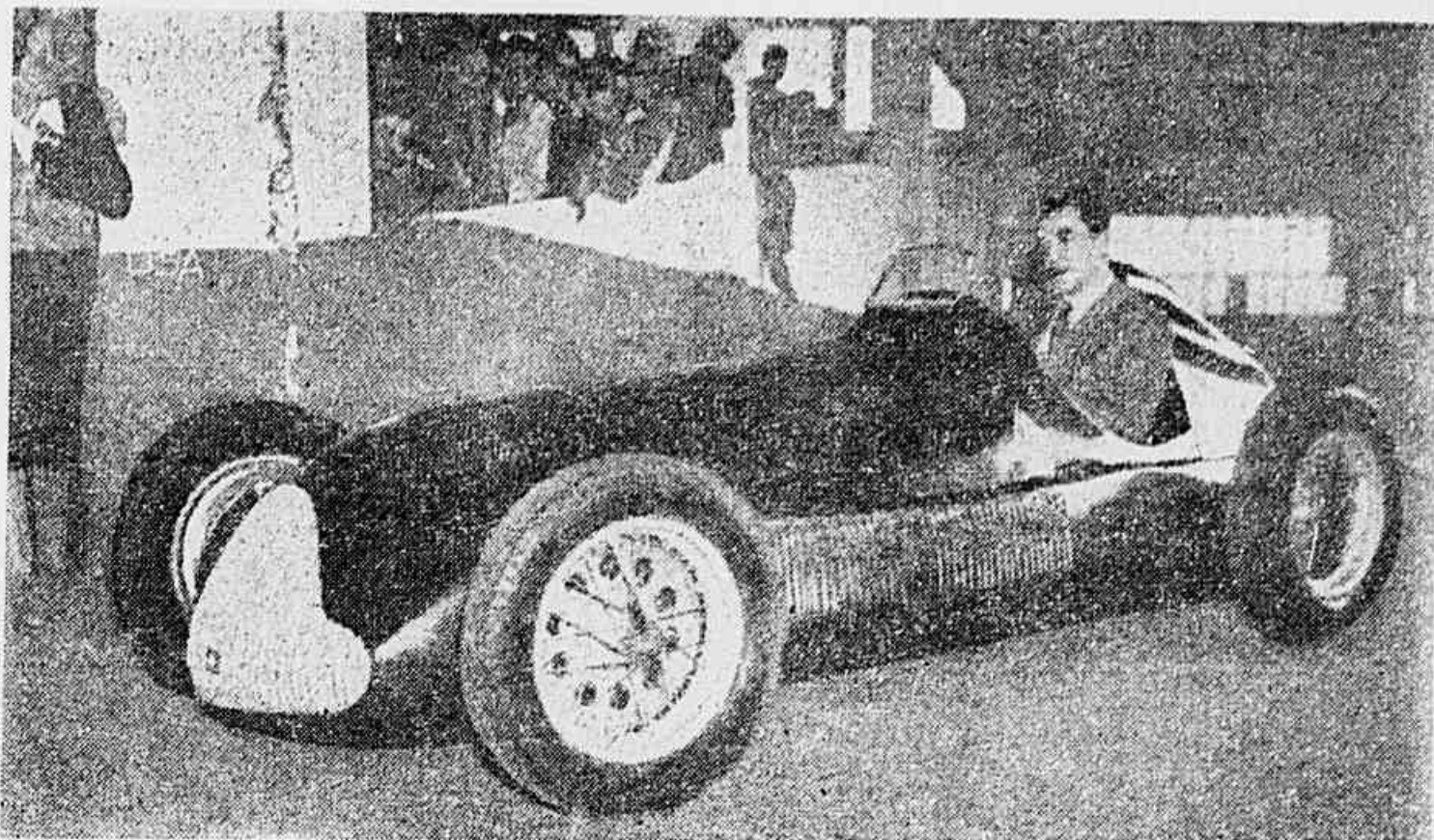
3ª fila — Bizio (8), Landi (12) e Varzi (15).

4ª fila — Piropolo (7) e Cantori (5).

5ª fila — Fernandez (1), Ruggieri (4) e Rosa (18).

Portanto, haviam corredores das seguintes nações: Argentina, Brasil, França, Itália e Uruguai.

A saída foi dada pelo Ministro do Interior, às 17.20.



O volante francês Wimille, vencedor do Grande Prêmio da Cidade do Rosário, e que aparece na gravura com a "Alfa Romeo", que venceu o Campeonato da Europa, em Spá, onde quatro máquinas dessa marca conquistaram os primeiros postos.

A MAIS SENSACIONAL CORRIDA DA AMÉRICA DO SUL

IMPRESSÕES DE AFONSO DE CASTILHO FREIRE, SECRETÁRIO DO AUTOMÓVEL CLUB DO BRASIL, SOBRE A COMPETIÇÃO DE MAR DEL PLATA

Ordem de passagem defronte ao Hurlingham, donde eu observava a prova:

1ª passagem	3	17	16	14	15	11	12
2ª	3	17	16	14	11	15	12
3ª	17	16	3	14	11	15	8
4ª	17	16	14	3	11	15	8
5ª	16	17	14	11	3	15	8
6ª	16	17	11	14	3	15	8
7ª	16	17	11	14	3	15	8
8ª	17	16	11	14	3	15	8
9ª	17	16	11	14	3	15	8
10ª	16	17	11	14	3	15	8
11ª	16	17	11	14	15	3	8
12ª	16	17	11	14	15	3	8
13ª	16	17	11	15	14	3	8
14ª	16	17	11	15	14	3	8
15ª	16	17	11	15	14	3	8
16ª	16	17	15	11	14	3	8
17ª	16	17	15	3	14	11	8

Desta volta até a final não houve mais modificações, exceto na 26ª, na qual parou Villoresi, e até a última foi a seguinte a ordem de passagem: 1º Farina (16), 2º Varzi (15), 3º Wimille (3), 4º Galves (14), 5º Fangio (11).

Terminaram as 37 voltas:
 1º (vencedor) — Farina (16) — Maseratti 3.000 c.c., 32 válvulas — Tempo: 1h.24'02"/10.
 2º — Aquiles Varzi (15) — Alfa-Romeo 4.500 c.c., com 2 compressores — Tempo: 1h.25'15".
 3º — Jean Pierre Wimille (3) — Alfa-Corse 3.000 c.c.

4º — Oscar Galves (14) — Alfa-Romeo (chassis Corse) 3.800 c.c. — 36 voltas. Tempo: 1h.24'38" e 3 décimos.

5º — Juan Manuel Fangio (11) — Maseratti 1.500 c.c., 16 válvulas — 36 voltas — Tempo: 1h.25'4"/10.

6º — Italo Bizio (8) — Maseratti 1.500 c.c., 16 válvulas — 35 voltas — Tempo: 1h.24'29"/10.

7º — Landi (12) — Maseratti 1.500 c.c., 16 válvulas — 33 voltas — Tempo: 1h.25'4"/10.

Como se vê, pelas alterações entre os carros 16 e 17, a corrida foi espetacular.

Muito me impressionou o corredor argentino J. Fangio, que, sem adaptação bastante em carros de corrida, foi um lutador bravo, de grande fibra e coragem.

Wimille confessou-me que só terminou a corrida por uma questão de amor-próprio, pois as condições mecânicas do carro em que correu eram as mais precárias, oferecendo mesmo grave risco. Realmente, verifiquei que a suspensão da Corse é horrível; a roda traseira salta mais que cabrito louco.

Bizio também me agradou bastante. Landi parou umas três vezes, por defeito de velas.

Villaresi parou por defeito do magneto. Farina e Villaresi até a 27ª volta disputaram a corrida palmo a palmo, com lealdade e cavalheirismo, dando aos sul-americanos um belo exemplo de desportividade.



O corredor argentino Juan Manuel Fangio, que teve destaque na atuação nos circuitos internacionais de Mar Del Plata e de Rosario.

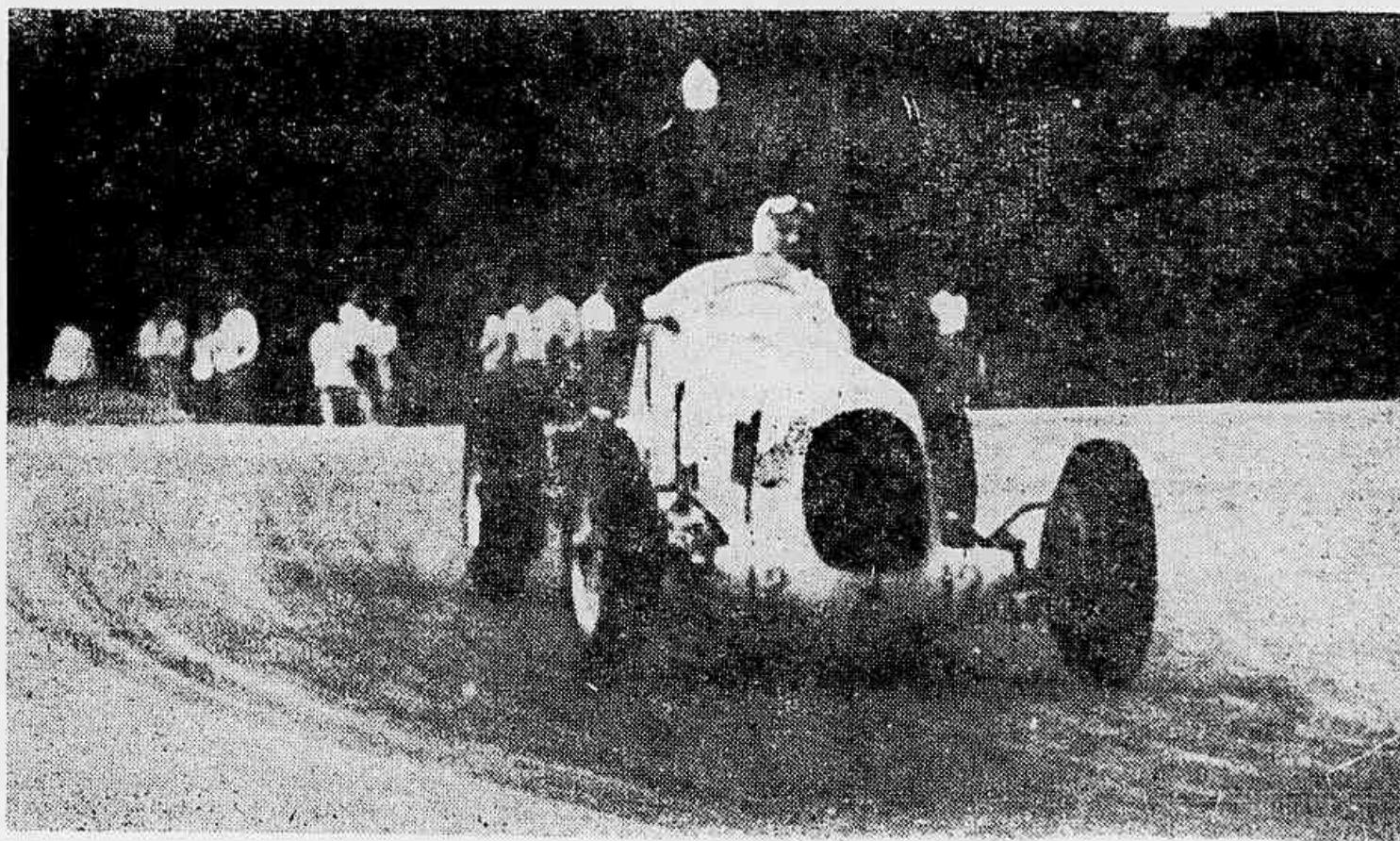


A turma de volantes do A.C.B. resolveu que iria sair no Carnaval fantasiada... Iriam fazer um bloco, todos mascarados... Mas que bobagem, Santo Deus! Pois se eles andam «mascarados» o ano todo...

Aurélio Ferreira anda entusiasmado com as próximas corridas... Mas como é um homem prevenido, dizem que se preparou cuidadosamente. Está fazendo ginástica sueca, jogando vôlei e pingue-pongue, como treinamento individual. Quanto ao carro, para prevenir novos acidentes, em todo lugar que há parafusos mandou colocar rebites soldados... Assim não perderá mais a roda no fim da corrida...

O que é que há com Carlinhos Barbosa? O «fenômeno» anda desaparecido...

Novidades, novidades... É o que prometem Pedro Santa Lucia e o dr. Castilho, chegados há pouco da Argentina... O que será? Uma das novidades já conhecemos: o Chico «Miséria» já paga jantar e aperitivo aos amigos...



O carro de Jorge Poucinhas correu sua última corrida na Quinta, pois logo em seguida foi desmontado, tendo Gino Blanco ficado com o chassis, para nele colocar seu motor, sendo que o motor do carro de Poucinhas foi para São Paulo. (Foto de Cesar Aguiar Gama e Gotard Getzel, especial para o ESPORTE ILUSTRADO).



O triângulo final do Vasco, foi o ponto alto do time no prélio de estréia dos cruzmaltinos no Torneio dos Campeões, em Santiago Chile. Barbosa, Augusto e Rafagnelli, não atuaram junto em toda a partida, porque o zagueiro direito foi substituído na etapa final por Nilson, com quem formou a zaga na primeira etapa. Tanto Augusto com Barbosa, como Rafagnelli com o mesmo goleiro foram fatores de segurança da retaguarda do campeão de 1947, quando das reações de El Litoral

Todos os esportes DIÁRIO DA VIDA ESPORTIVA

Por YVÊL NAMIÉLK "O Repórter Sete Dias"

6ª FEIRA — 6 DE FEVEREIRO

O ex-juiz Durval Caldeira, técnico de educação física da Escola de Educação Física do Exército, assinou contrato com o Bonsucesso para dirigir a sua equipe de profissionais.

— Ingressou na América o zagueiro Alcides, do time de aspirantes do Flamengo.

— O Conselho Deliberativo do Corinthians decidiu, por 68 a 13, não renovar o contrato do zagueiro Domingos da Guia, que, assim, fica livre para retornar ao Bangu.

— Nas Olimpíadas de Inverno, em Saint Moritz, a canadense Barbara Ann Scott conquistou o título de campeã olímpica de patinação artística.

SABADO — 7 DE FEVEREIRO

Seguiu, via aérea, para Santiago do Chile a equipe do Vasco, que vai disputar o Torneio dos Campeões.

O torneio olímpico de salto especial foi conquistado pelo norueguês Petter Hugsted. Os representantes da Bélgica, Michelle Lannoy e Pierre Baugnit, conquistaram o título olímpico de patinação artística de duplas.

— O amistoso Corinthians x Nacional, disputado no Pacaembu, para o pagamento do passe do

zagueiro Moacir, que substituirá Domingos, foi vencido pelo Corinthians por 4x1.

DOMINGO — 8 DE FEVEREIRO

Na Argentina, o iate brasileiro «Vendaval», comandado por José Pimentel Duarte, conquistou a sua primeira grande vitória internacional, ao vencer a regata Buenos Aires-Mar Del Plata, após 40 horas de percurso, com uma vantagem de 8 horas sobre o segundo colocado.

— A equipe do Vasco chegou a Santiago do Chile, e teve uma festiva recepção no aeroporto de Los Cerrillos.

2ª FEIRA — 9 DE FEVEREIRO

Os jogadores do Vasco realizaram em Santiago do Chile o primeiro treino individual, dando início ao período de aclimação para o torneio dos campeões.

— O Vasco da Gama impugnou os juizes Nobel Valentini, uruguaio, e Eduardo Forte, argentino, porque estes apitadores têm sido parciais contra o seu time.

3ª FEIRA — 10 DE FEVEREIRO

Ficou assentado que o Vasco, de regresso ao Rio, após o torneio de Santiago do Chile, disputará no dia 19 de março, em Buenos Aires um amistoso com o Boca Juniors.

4ª FEIRA — 11 DE FEVEREIRO

Em Santiago do Chile, no Es-

tádio Nacional, teve início o Torneio dos Campeões Sul-Americanos, com o desfile das delegações, na seguinte ordem: El Litoral, da Bolívia; Emelec, do Equador; Municipal, do Peru; River Plate, da Argentina, e Vasco, do Rio. Formados no centro do gramado em frente à Tribuna de Honra, foram hasteadas as bandeiras de todas as delegações, ao som dos seus hinos pátrios. A seguir teve lugar o juramento do atleta, repetindo os jogadores a promessa de «não atingir os adversários e aceitar as derrotas com esportividade». Teve lugar, depois, o primeiro jogo, Colo-Colo e Emelec, que terminou com um empate de 2 pontos.

— A Federação Internacional de Tênis de Mesa concedeu filiação ao Brasil.

— Em Madrid, no choque internacional de hóquei em patins, a Espanha venceu Portugal por 5x0.

5ª FEIRA — 12 DE FEVEREIRO

O atacante Moacir renovou contrato com o Bangu, até dezembro de 1950.

— O Flamengo registrou na Federação Metropolitana de Futebol o contrato de Gringo, assegurando os seus direitos sobre o atacante sergipano.

— O Vasco aprontou para o seu choque de estréia, sábado, contra o Litoral, da Bolívia. O quadro cruzmaltino formou assim: Barbosa; Wilson e Rafagnelli; Eli, Danilo (depois Moacir) e Jorge; Friça, Maneca (depois Ademir e por fim Ismael), Dimas, Lelé (depois Djalma) e Chico. O adversário foi o time do Santiago Morning, que em cinquenta minutos de treino foi goleado por quatro a zero, tentos de Chico, Maneca, Lelé e Danilo.

6ª FEIRA — 13 DE FEVEREIRO

— Renovaram contrato com o América os jogadores Domício, Jorginho, Esquerdinha e Vicente.

— O Comitê Olímpico Brasileiro esteve reunido e tomou, entre outras, as seguintes deliberações: a) adotar o transporte aéreo para a delegação, em face das dificuldades apontadas pelas autoridades portuárias britânicas, no que diz respeito à permanência de um navio nacional naquele país pelo tempo de duração do certame e no qual ficariam hospedados nossos atletas, o que planejava a Comissão. Por via marítima seguirá somente o equipamento necessário, em navio cuja partida deste porto está marcada para 27 de junho; b) para a confecção do selo comemorativo da participação do Brasil na XIV Olimpíada, a Comissão escolheu os seguintes motivos esportivos, para uma série de 4 selos: 1 — Um homem ao tiro, inspirado no fato de haverem levantado em 1922, em Amsterdam, o Campeonato Olímpico de Tiro; 2 — Um atleta saltando uma barreira, homenagem ao feito do tenente Mário Márcio Cunha, vencendo o campeonato Sul-Americano de 400 metros com barreiras, no Uruguai, em 1941; 3 — Uma nadadora, recordando a atuação de Piedade Coutinho nas Olimpíadas de Berlim; 4 — Como esporte coletivo o baquetebol, cujo Campeonato Sul-Americano foi conquistado em Guayaquil por nosso país.

— O iate brasileiro «Vendaval», dirigido por Pimentel Duarte, venceu também a regata Mar Del Plata-Punta Del Este, cobrindo as

225 milhas em 47 horas e 58 minutos, com uma vantagem de 10 horas sobre o 2º colocado, o barco argentino «Cangrejo».

SABADO — 14 DE FEVEREIRO

Em Nova York, a Comissão de Box suspendeu por 7 meses e multou em 1.000 dólares o peso médio novayorkino Jack Lamotta, por conduta nociva ao box.

— Juca assentou as bases do contrato com o Flamengo para dirigir a equipe de profissionais rubro-negros.

— No Torneio dos Campeões, em Santiago do Chile, Vasco 2 x Litoral (Bolívia) 1. Nacional, de Montevideu, 3 x Municipal, de Lima, 2.



A pista de Saint Moritz, na Suíça, onde foram disputados os jogos olímpicos de Inverno.



A equipe do América que vai se exibir nos campos do Pacífico. Em pé, Jonga, Osni, Domicio, Alcides, Joel, Walter, Della-Torre (técnico), Domicio e Vicente. Ajoelhados, Hilton, Gilberto, Maneco, Maxwell, Cesar, Lima, Esquerdinha, Jorginho, e Carlinhos.

OS "DIABOS RUBROS" NAS AMERICAS!



Jonga, uma das mais recentes aquisições do América. Veio da Bahia, o zagueiro que formará a parêntese de backs com Domicio durante a excursão.

O grêmio da rua Campos Sales reata uma campanha interrompida em 1929, isto é, a serie de jogos que disputou na época do amadorismo fóra das fronteiras do Brasil.

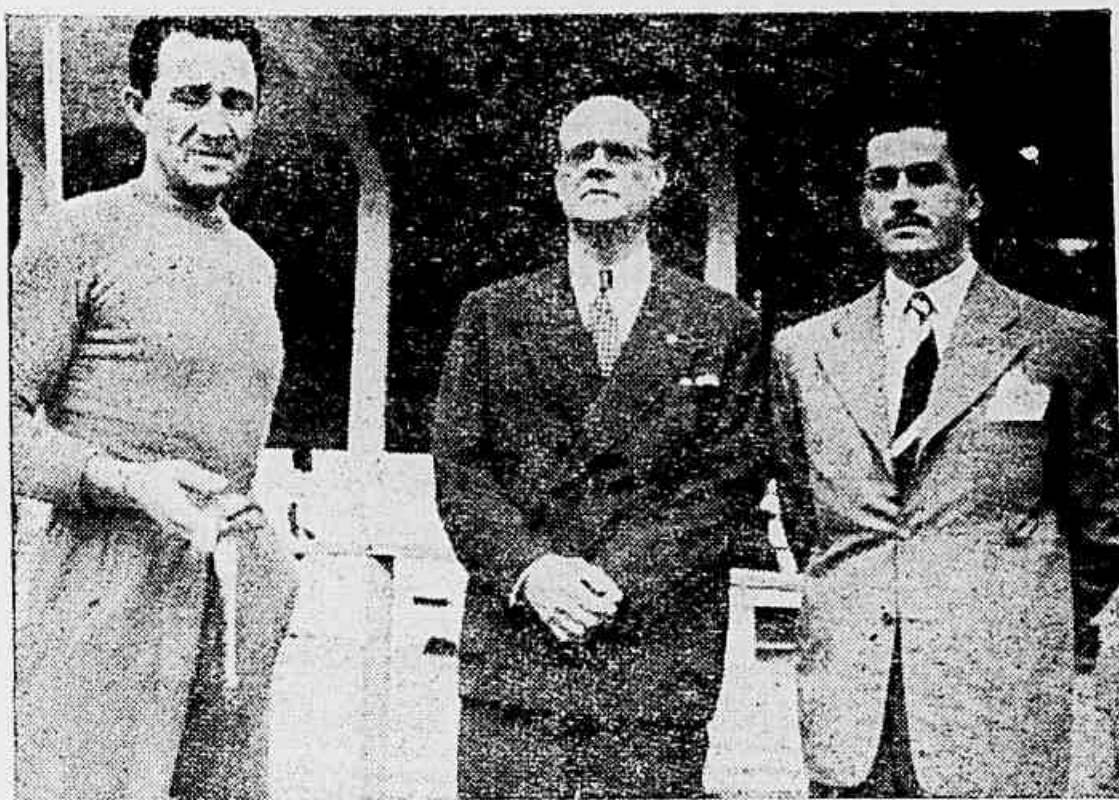
O América se exibiu inúmeras vezes em gramados da Argentina e Uruguai, e a ultima temporada foi em Março de 1929, logo após a conquista do título de campeão carioca de 1928. O seu time reforçado com elementos de outros clubes, jogou em La Plata contra

o Estudiantes, empatando por 1 ponto, depois venceu o Ferrocarril Oeste por 5 a 1, em seguida empatou com um combinado argentino por 1 ponto, e em Montevideo, empatou com o Penarol por 1 ponto.

No campeonato de 1947, o América, apesar de não contar com uma forte equipe, logrou conquistar um honroso terceiro lugar, a 1 ponto do 2.º colocado, o Botafogo. Este feito dos rubros repercutiu no exterior, e veio um convite para se exibir nos campos do Pacífico.

O presidente dos rubros fez questão de mandar um time que não contasse com elementos estranhos ao clube, isto é sem reforços de outras agremiações, ou seja a verdadeira expressão do futebol americano.

Assim, depois de quase 20 anos, o América reiniciará o intercâmbio fóra do Brasil, estrelando domingo próximo na Colombia, onde realizará uma serie de peléjas, seguindo depois para o Equador.



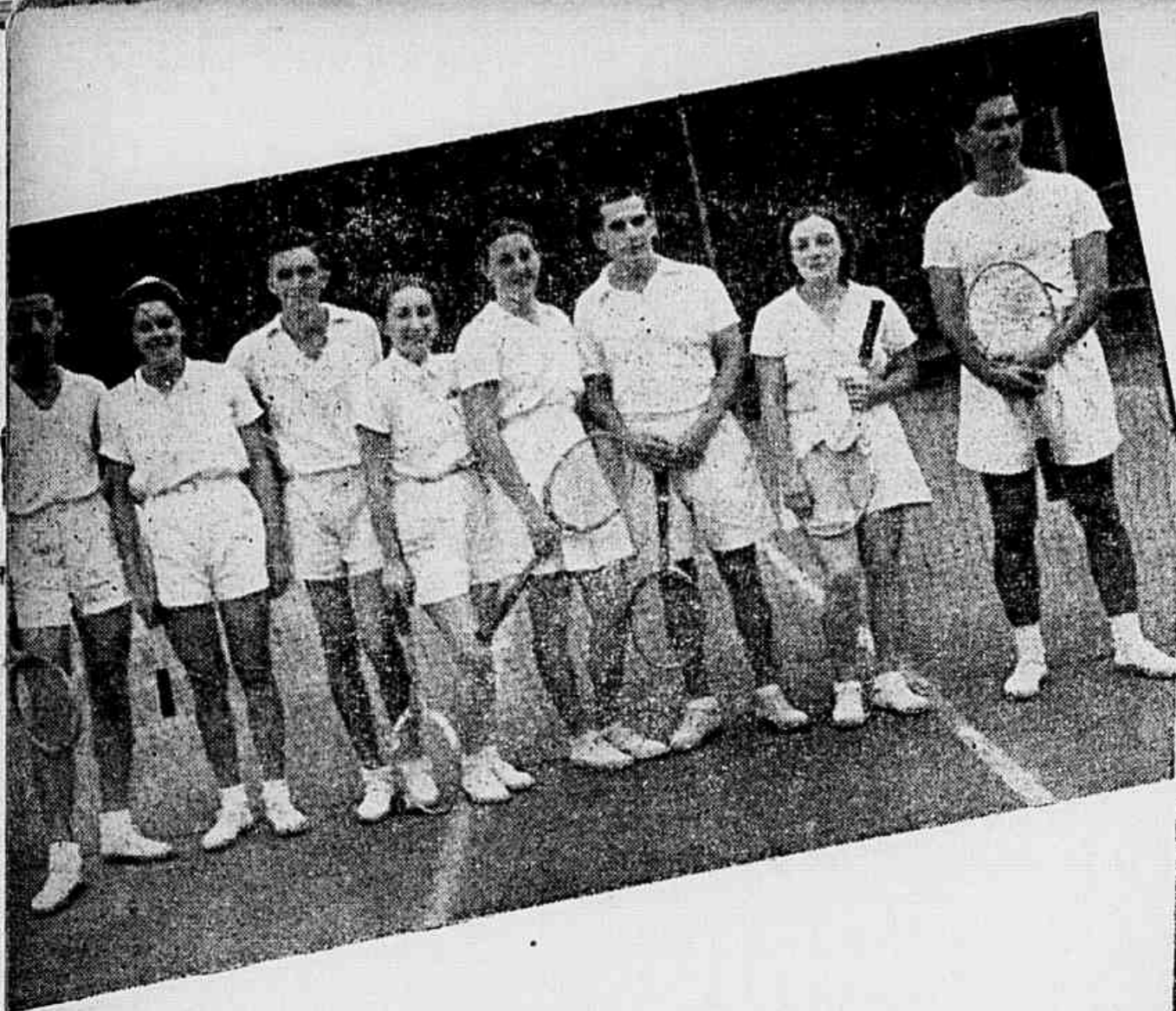
O Peru também deseja ver o clube rubro, que somente irá a Lima caso lhe seja apresentada

Durante os ensaios preparatórios para a temporada Internacional conversam, Della Torre, técnico; Max Gomes de Paiva, presidente do clube, e Giulite Coutinho, um dos dirigentes da embaixada rubra.



Esquerdinha, Maxwell e Jorginho, três elementos que integrarão a ofensiva dos rubros.

uma boa quota, de vez que os ingressos de futebol são caros naquele país. Depois, os "diabos" deverão estar a excursão ao Mexico e Cuba. A temporada deverá durar 40 dias. Cheiam a delgação, João Antero de Carvalho, americano da velha guarda e uma autoridade em materia de regras futebolísticas, e Giulite Coutinho, elemento de prestígio da nova geração rubra. O jornalista que acompanha a embaixada é o nosso confrade Luís Bayer, do "Jornal dos Sportes". O técnico é José Della Torre, e estão os jogadores: Arqueiros, Osni e Vicente — Zagueiros, Domicio, Alcides, Jonga e Joel — Médios, Gilberto, Hilton Amaro e Walter — Atacantes, Jorginho, Maneco, Cesar, Lima, Maxwell, Esquerdinha e Carlinhos. Massagista, Olavo Pereira.



SEMPRE que quero escrever um comentário, começo pelo título. Daí sigo o fio do assunto, baseado na imagem que a matéria já gravou no cérebro. Até aí, nada de novo, certamente... Mas, se o título deste comentário afirma que o ano de 1947 foi de «trabalho construtivo» para o tênis carioca, tenho que documentar o alegado.

Começemos pelo princípio. A atual diretoria da Federação Metropolitana de Tênis provou que tem eficiência e que sabe preparar um programa de trabalho e realizá-lo com o agrado dos clubes filiados e seus tenistas.

Antônio Leite, João Carlos dos Santos, Luis Murgel, Frederik Conelly, Oscar Ferreira Mano e Alcides Schulz, o primeiro presidente e figura de proa da entidade mentora do tênis carioca, e os demais companheiros de diretoria, corresponderam à confiança da escolha da assembléia que os elegeu, impulsionando o tênis, cumprindo o calendário e quitando os prêmios que devia aos amadores vitoriosos, seja da sua gestão de 1947, como do ano anterior.

Na festa tenística de encerramento, realizada nas quadras do Fluminense F. C., uma grande mesa totalmente repleta de artísticas taças e medalhas a todos chamava a atenção. Era uma espécie de «banco de sangue», não de doação, mas de conquista. E quem não estima o seu próprio esforço? Ali estava o ideal desportivo amador. A satisfação de entregar o prêmio devido ao esforço e ao mérito, e da parte do vitorioso, em receber o troféu a que fez jus pela sua técnica e preparo físico.

A temporada tenística de 1947 se iniciou em 19 de abril. Foi o «Torneio Inaugural», ao qual concorreram 18 duplas mistas, divididas em quatro grupos. Saiu vencedora em 1º lugar a dupla formada por Marly de Barros e Nelson Moreira; em segundo Suzana Belo-José Belo. A seguir, em junho, foi disputado o «Campeonato Aberto Individual Noturno», que contou com 87 inscrições, entre as quais os já famosos três mosqueteiros da cidade de Bauru — Stockel, Cabelo de Fogo e Cardoso. Nas simples, venceram, respectivamente, Elza Borghet Teixeira e Armando Vieira; e nas três modalidades de duplas, a saber: Ruth Mesquita-Inah Bustamante; Armando Vieira-Otávio Borghet Teixeira; Elza Borghet-José Stockel. É interessante notar que nestes três certames, com exceção do tenista José Stockel, da cidade de Bauru, Estado de São Paulo, todos os demais vencedores pertencem ao quadro de tenistas do Fluminense F. C.

A seguir, foi realizado o Campeonato Internacional de Tênis denominado «Imprensa Carioca», que teve como vencedores em todas as provas jogadores argentinos, sendo que na dupla mista com a cooperação de Gertrude Easton, americana. Foram êsses os vitoriosos: simples: Heraldo Weiss e Mary Teran Weiss; duplas: Heraldo Weiss-G. San Martin; Gertrude Easton-G. San Martin. Nesse certame se inscreveram 52 jogadores, do Rio, São Paulo e Argentina.

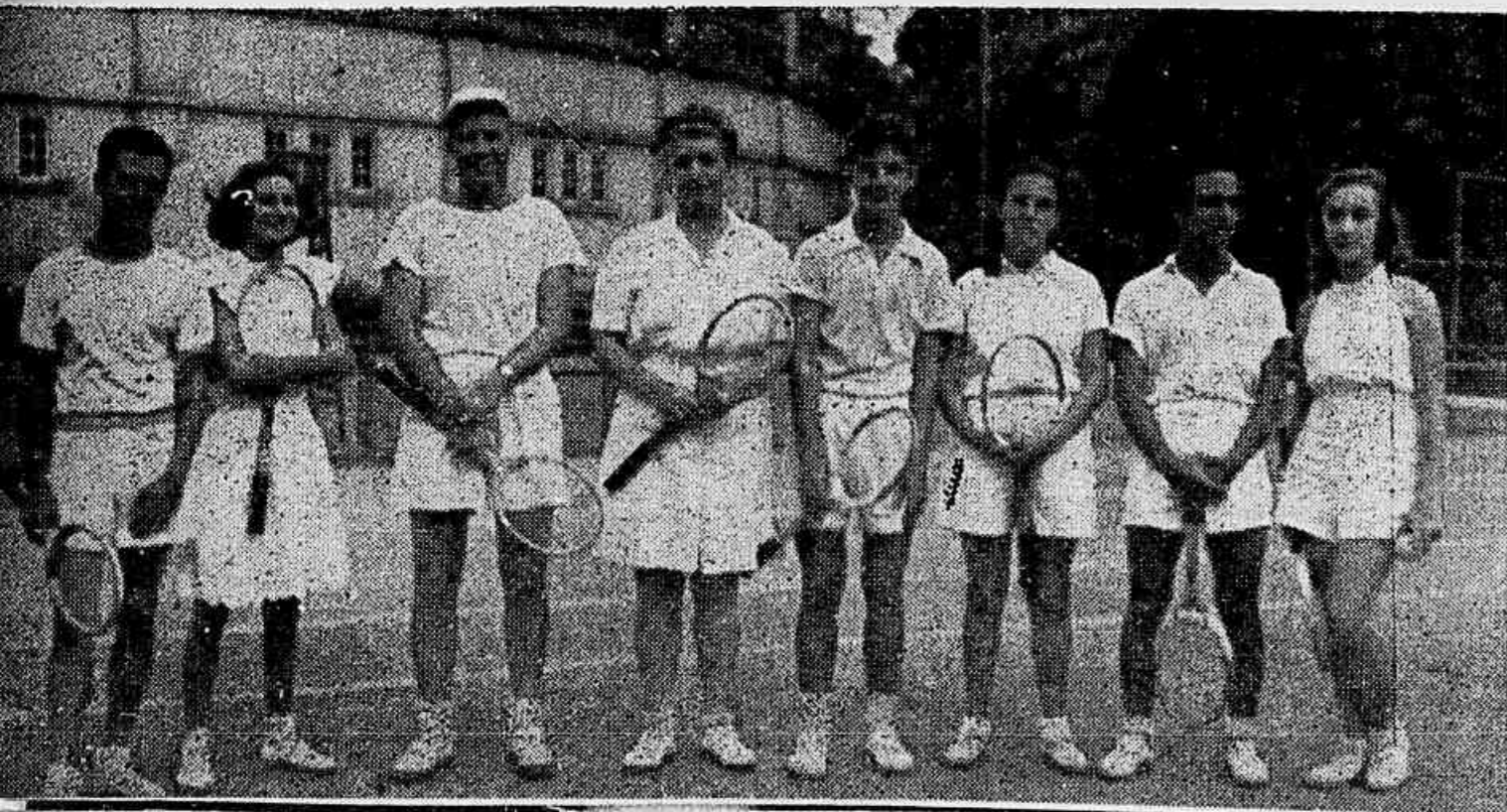
Logo depois veio o Campeonato Individual Carioca, que contou com 61 inscrições. Venceram as provas de simples os tenistas Nelson Moreira e Minnie Monteath; e nas duplas Ruth Mesquita-Marly Barros e Álvaro Osório-Joaquim Rasgado, sendo os quatro primeiros do Fluminense e os dois últimos do Country Club.

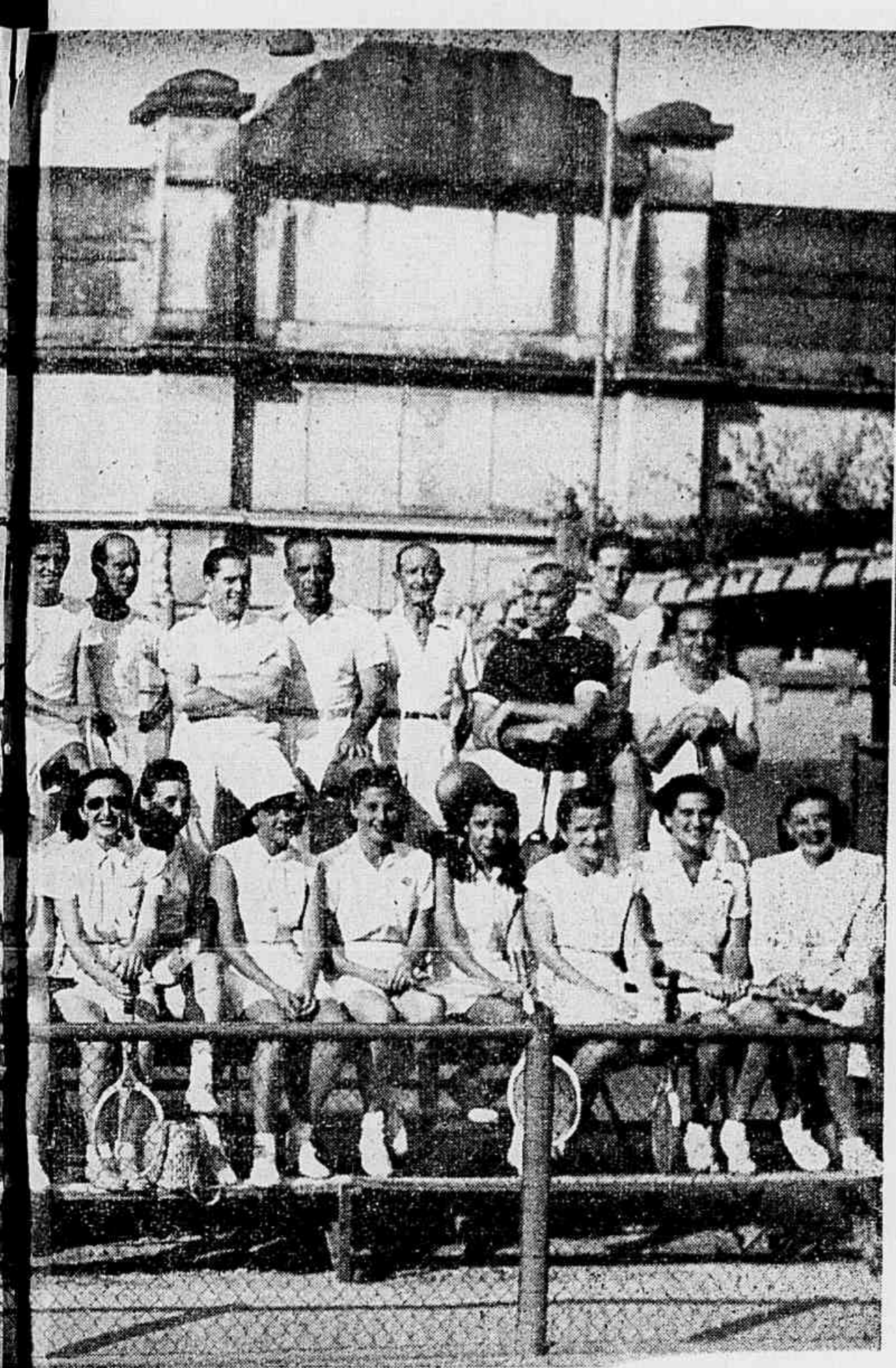
Depois disputou-se o Campeonato Inter-Clubes para Infante-Juvenis, por equipes, que contou com 5 concorrentes e brilhantemente levantado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama. O Campeonato Aberto Individual, também para Infante-Juvenis, obteve 28 inscrições e teve como vencedores os seguintes jovens: simples infantil — Renato Mano, do Tijuca T. C., e Maria Augusta, então do Tijuca e posteriormente transferida para o Vasco; dupla infantil — Renato Mano-Daniel Mano; simples juvenil — Sérgio Antunes; dupla juvenil — Sérgio Antunes-Guilherme Vidal; dupla mista — Pedro Moacir-Maria Augusta.

O Campeonato Inter-Clubes para Estreantes (?). Essa minha interrogação é baseada em conhecer os participantes desse certame, pois

1947 foi um ano de r para o T E N I S

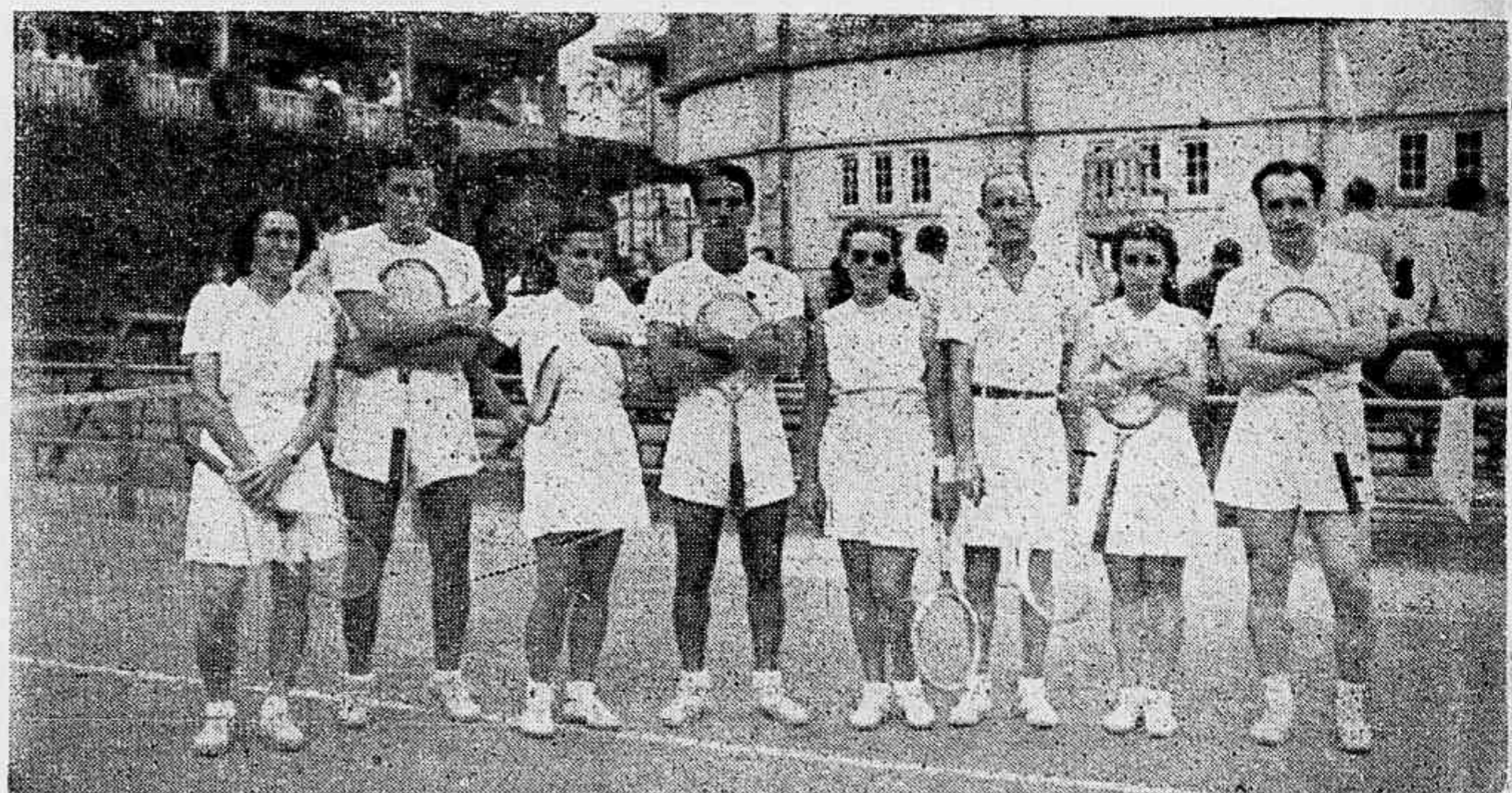
Por DJALMA E





Trabalho construtivo CARIOCA E VINCENZI

até jogadores internacionais são! Conquistou o título de campeão por uma
derrota, o Fluminense F. C. Inscreveram-se somente três clubes, mais
insofismável de que o «celeiro» está vazio de novos tenistas e, como
disse acima, as equipes são formadas na maioria com jogadores sem
nenhuma espécie de «rankings», vindos do estrangeiro ou do interior.
O título dessa prova deve ser ajustado, para ter e pressão.
Em continuação, veio o Campeonato Inter-Clubes da 3ª classe de
senhoras, conquistado pelo Meme Tênis Clube, com a seguinte equipe:
Maria Luisa Guimarães, Gyalma Catunda, Hilda Santos Rocha, Katlen
Eswards, Flora Malm e Suzana Rasgado. Inscreveram-se 4 grêmios.
O Campeonato Inter-Clubes da 2ª classe de senhoras foi conquista-
do pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, em cujo certame inter-
viram 6 clubes. Sagraram-se campeãs as seguintes tenistas: Isabel
Rezende, Pequena Azevedo, Lucy Luriche dos Santos e Carminha
Ferreira. Foi uma expressiva vitória, conquistada sem nenhum revés.
O Clube dos Caiaras conquistou o Campeonato Inter-Clubes por
equipes da 4ª classe, no qual disputaram 8 concorrentes. A equipe
campeã tinha a seguinte formação: Juan CampesteGuy, Hugo Wahrlich,
João Murinho, Pedro Moacir, Armando Leduto, Ivan Oeste Carvallo,
Léo Murinho, Luis de Almeida e Luis Carlos de Almeida.
O Fluminense F. C. levantou o Campeonato Inter-Clubes da 3ª
classe de cavalheiros, ao qual concorreram 9 clubes. A turma vencedora
esteve composta dos jogadores: Luis Chaloub, A. Finto Guimaraes,
Roberto Melo, José Luis Belo, Roberto Peixoto, Luis Segreto,
Antônio Leite e Jacques Levy.
A «Taça Ricardo Pernambuco», certame destinado aos jornalistas-
tenistas da imprensa e do rádio, contou com 9 disputantes. Lucílio
de Castro, do vespertino «O Globo», foi o vencedor, que superou no final
o rabiscador destas linhas.
A «Taça Antônio Leite», prova também para jornalistas-tenistas em
jogos de duplas de cavalheiros, foi conquistada por Lucílio de Castro-
Fernando Finto, que na final derrotaram De Vincenzi-Alvaro Cunha.
Competiram 4 duplas.
O Campeonato da 1ª classe de Senhoras foi conquistado pelo Flumi-
nense F. C., com a seguinte turma de destacados valores: Elza
Borgeth Teixeira, Inah Bustamante, Minnie Monteath, Ruth Mesquita,
Marly Barros, Clélia Castro e Mirian Murgel. Quatro clubes foram os
disputantes.
Também coube ao Fluminense o Campeonato Inter-Clubes por equi-
pes da 1ª classe, com a seguinte representação: Paulo Ferraz, Jaime
Guimarães, Nelson Moreira, Eduardo Melo, Roberto Ferraz, Cláudio
Roberto Ferraz, Cláudio
(Cont. na pág. seguinte)



Em baixo, ao centro — Solenidade da entrega dos prêmios aos campeões das diversas classes e modalidades pela Federação Metropolitana de Tênis no ano de 1947. Numa cerimônia de raro brilho, presidida pelo incansável presidente Antônio Leite, todos tiveram o seu quinhão de glórias. Aparecem ainda na mesma fotografia o vice-presidente José Carlos, o veterano tenista e hoje vice-presidente de Publicidade do Fluminense, dr. Roberto Peixoto, diretores de tênis de todos os clubes filiados e os prestimosos funcionários da entidade, dentre os quais salienta-se a figura simpática de d. Carmen, sempre disposta para com a crônica especializada no referente à publicidade da Federação. Ao alto, à esquerda — Tenistas da série «C» do Torneio de Encerramento de duplas mistas. Ao centro — Disputantes do mesmo Torneio de duplas mistas, modalidade que exprime toda a beleza social do esporte branco. À direita — Tenistas da série «A», da mesma forma disputantes do Torneio de Encerramento. Em baixo — A esquerda série «D» e à direita série «B», formadas por componentes que interviram no mesmo certame final.

4ª FEIRA — 11 DE FEVEREIRO

Em Santiago do Chile — Torneio dos Campeões — Colo-Colo (Chile) 2 x Emelec (Equador) 2. (Emelec 2x0). Jimenez e Jepez, do Emelec, e Aranda e Penalosa, do Colo-Colo. Juiz: Nobel Valentini (Uruguaí), regular. Emelec — Arias; Enrique e Zurita; Riveros, Alvarez e Mendoza I; Villacres, Jimenez, Alcibar, Jepez (depois Aguayo) e Mendoza II. Colo-Colo — Zabas; Urroz (depois Gonzalida) e Pino; Machuca, Wood (depois Miranda) e Munhoz; Aranda, Saez (depois Varela), Dominguez, Penalosa e Lopes.

SABADO — 14 DE FEVEREIRO

Em Santiago do Chile — Torneio dos Campeões — Vasco 2 x Litoral (Eolivia) 1. (Vasco 1x0). Lelé (2), do Vasco, e Sandoval, do Litoral. Juiz: Carlos Lesson, chileno, fraco. Vasco — Barbosa; Augusto (Rafanelli) e Wilson; Eli, Danilo e Jorge; Friaça (Djalma),

PLACARD FUTEBOLISTICO

Maneca (Ismael), Dimas (Friaça), Lelé e Chico. El Litoral — Gafuri; Arraz e Bustamante; Vargas, Valencia e Ibanez; Sandoval, Gutierrez, Caparell, Rodriguez e Argaz.

— Nacional (Montevideu) 3 x Municipal (Lima) 2 — (Nacional 2x1). Gomes (2) e Marin, do Nacional, e Drago e Torres, do Municipal. Juiz: Eduardo Forte, bom. Nacional — Paz; Pini e Teixeira; Gambeta, Pini I e Santa Maria; Castro, Garcia, Gomes, Marin e Orlando. Municipal — Juarez; Perali e Taboada; Celio, Castillo e Teles; Mola, Calunga (Lopes), Mosqueira, Drago e Torres.

DOMINGO — 15 DE FEVEREIRO

Campeonato Fluminense — 2ª da melhor de três — Decisão do ti-

tulo. Em Campos — Campos 5 x Petrópolis 3 (Campos 3x1). Chico Leão, Clivaldo, Santana, Amaro e Dimas (contra), de Campos. Quadrelli (2) e Jardel, de Petrópolis. Juiz: Francisco de Assis Freitas, regular. Cr\$ 12.967,00. Campos — Cabrita; Catosca e Jarbas; Votinha, José Alves e Hugo; Chico Leão, César, Amaro, Santana e Clivaldo. Petrópolis — Jorge; Dadai e Néri; Geraldo, Valdir e Dimas; Quadrelli, Zezinho, Zequinha, Jardel e Nelson. — Em São Paulo — No campo do Juventus — São Paulo 6 x XV de Novembro, de Piracicaba (campeão de profissionais do interior de São Paulo) 0. (São Paulo 3x0). Ieso (3), China (2) e Neca. Juiz: Amleto Richiarelli, bom. Cr\$ 96.881,50.

ESTREANTES DE 1948

(Cont. da pág. 15)

início de vossas atividades tenísticas.

Não incluireis no erro de muito veterano, que se deixa influenciar pelo piso e pela iluminação, pois são condições que afetam a ambos os adversários e que portanto não traz vantagens ponderáveis a nenhum.

Deveis respeitar incondicionalmente os juizes, são moços como vós que se expõem à crítica e às desatenções para que outros possam praticar seu esporte favorito; não podeis vos esquecer que a natureza humana é falha, e que não se pode desejar de nenhum juiz a infalibilidade nas decisões.

E com estes conselhos desinteressados de amigo mais velho, eu vos envio. Estr antes de 1948, os meus votos sinceros de brilhantes triunfos, em benefícios das cores de vossos clubes, de nossa Federação e de nossa querida Patria.

PORTUGAL...

(Cont. da pág. 15)

Sidónio captou a bola na defesa, driblou todos os adversários que lhe a, arceram e já em desequilíbrio, marcou um excelente tento.

Os portugueses pareceram desorientados e a equipe belga impôs domínio, mas ao 13m., na sequência dum "livre" Olivério fez 3 a 1. A turma de Portugal passou então a jogar forte, domínio que durou até ao intervalo. Aos 15m. Sidónio entrou e passou a Correia dos Santos, que a passou a Olivério. Este apanhou-a no ar e fez uma bonita bola. Perto do intervalo Velez substituiu Correia dos Santos e deu-se novo "goal": descida fulgurante dos lusitanos e remate certo de Olivério, que assim apontou o 5.º tento de Portugal.

... 2.ª parte, o maior quinhão de domínio pertenceu aos subcampeões do Mundo, que se exibiram excelentemente. No 1.º minuto, Vervloedt alcançou a 2.ª bola e aos 4 minutos, Cossaerts diminuía a desvantagem, pondo o resultado em 3 a 5. O jogo anima, mas a defesa portuguesa exhibe-se com brilho e os belgas

não conseguem marcar novamente: é Portugal que obtém o 6.º tento, na marcação duma grande penalidade, por Ant. Henriques.

A turma da Bélgica continuou a exibir-se melhor neste 2.º tempo, mas especialmente Sidónio era um obstáculo impossível de transpor. Portugal beneficiou ainda doutro "penalty" que Ant. Henriques marcou, mas que o guarda-belga defendeu.

Pelo que atrás ficou dito, deduz-se facilmente que Sidónio Serpa, foi o melhor jogador no recinto: foi um gigante, tanto a atacar, como a defender. Continua portanto a assentar-lhe perfeitamente o título de "melhor médio do Mundo". Seu irmão Olivério também se exibiu com brilho e Ant. Henriques fez uma excelente partida. Correia dos Santos não se encontra no melhor da sua forma e Cipriano esteve regular. Velez denotou a sua grande habilidade, mas falta-lhe poder físico.

Quanto aos belgas, destacou-se em primeiro lugar Bogaert: depois dele, Vervloedt e Cossaerts. O guarda-belga Borghs que nos parecia fraco, esteve muito bem no 2.º tempo. Huyghe, apenas discreto.

O "CASO" BATATAIS FOI...

(Cont. da pág. 5)

tais no Sanatorio de Belo Horizonte, amparando-o sempre e enviando até auxílios preciosos, como o fez o Presidente Moraes e Barros que chegou a enviar-lhe um cheque de 20 mil cruzeiros.

Final do estado de saúde do grande arqueiro, não é lastimável e já o seu medico assegurava ao mesmo poder deixar neste principio de ano aquela casa de saúde.

O Julgamento dos Ilustres membros do Superior Tribunal de Justiça Desportiva foi feito pelo lado do coração, pensando na situação atual do grande arqueiro de outros tempos, provocada por ele mesmo, e não pelas leis, de acordo com o "Dura lex, sed lex..."

Em primeiro lugar, não está o profissional de futebol vinculado a legislação do trabalho e em segundo plano, mesmo que estivesse ele não foi abandonado e posto na rua pelo seu empregador, e

sim transferiu-se para outra localidade por sua livre e espontânea vontade, assinando termo de transferência que se encontra na Federação Metropolitana de Futebol. Isso, é evidente isenta o Fluminense de qualquer responsabilidade e este será sem dúvida o ponto capital da petição que será enviada ao Supremo Tribunal Federal pelos advogados do Fluminense, contrariando o anterior acordo, decisão proferida pelos membros do Superior Tribunal de Justiça do Trabalho.

CABELOS BRANCOS...
Envelhecem
JUVENTUDE
ALEXANDRE
Faz desaparecer e
EVITA-OS SEM TINGIR.

(Cont. da pág. ant)
Borgeth, Ricardo Pernambuco, Hélio Amorim Rocha, Humberto Costa e Luis Murgel. 5 clubes se inscreveram no certame dos «astros» metropolitanos.

O Campeonato Aberto da Cidade do Rio de Janeiro teve os seguintes vencedores: simples, 1ª classe: Humberto Costa (Flu); 2ª classe: James Black; 3ª classe: Helmut Matheis; 4ª classe: Roberto Melo; 5ª classe: Aage Malm. Simples de senhoras, 1ª classe: Gertrude Easton; 2ª classe: Pequena Azevedo; 3ª classe: Ana Franco. Duplas de cavalheiros, 1ª classe: Ademar de Faria-Haroldo Luarque de Macedo; 2ª classe: James Black-Frederik Conelly; 3ª classe: Roberto Dickey-Luis Mano; 4ª classe: Júlio Delamare-Roberto Melo; 5ª classe: Cândido de Carvalho-Haroldo Bruce. Duplas de senhoras, 1ª classe: Yeda Carvalho-Elza Wagner; 2ª classe: Pequena Azevedo-Vanda Oliveira. Duplas mistas, 1ª classe: Mirian Murgel-Nelson Moreira; 2ª classe: Maria Dilon-Carlos Alberto Freitas; 3ª classe: Suzana Belo-Carlos Alberto.

Provas para jornalistas do Campeonato Aberto da Cidade do Rio de Janeiro, simples de cavalheiro: 1º lugar: Lucílio de Castro; em 2º lugar, Djalma De Vincenzi. Duplas de cavalheiros, 1º lugar, Lucílio de Castro-Alvaro Cunha; em 2º, De Vincenzi-Augusto Rodrigues.

O Torneio Noturno da «Taça Liga Brasileira de Eletricidade» foi vencido pelo Country Club, com a seguinte equipe: Elze Rossi, Alvaro Osório, Joaquim Rasgado, Gilberto Gama e Ademar de Faria.

O Campeonato Inter-Clubes do Rio de Janeiro, por equipes, teve como vencedor o Fluminense F. C., com a seguinte turma: Jaime Guimarães, Roberto Furtado, Otávio Borgeth, Eduardo Melo, Herbert Mesquita, Paulo Ferraz e Nelson Moreira.

O Tijuca Tênis Clube, com raro brilhantismo, encerrou a temporada de 1947 conquistando em 1948 — o que poderá ser bom augúrio para a gestão do novo mentor do seu departamento de tênis — o campeonato da 2ª classe de cavalheiros inter-clubes, com quase os mesmos tenistas que no ano anterior haviam triunfado no certame da 3ª classe, invictamente. Sete foram os disputantes, e a turma campeã foi essa: Leônidas Castelo, Ernani Castelo, Roberto Dickey, Mário Lantery, Pedro Martinez Taylor e Manuel Zenha.

Na tarde em que se realizou o Torneio de Encerramento, também foi procedida a entrega de todos os prêmios. Foi uma verdadeira festa de confraternização, presente que estiveram muitos tenistas não disputantes, formando o décor da festividade social-esportiva promovida pela diretoria da F.M.T. Disputaram 16 duplas, divididas em grupos. Venceu merecidamente o forte binómio Gertrude Easton-James Black; em segundo, Irene Rodrigues-Luis Murgel.

Para que se possa afirmar ter sido um ano de trabalho construtivo, basta saber que foi disputado um total de 1.432 jogos oficiais!

OS BOATOS DA SEMANA PELO BOATEIRO

Pelo BOATEIRO

O zagueiro Gualter acha que este será o ano da reabilitação do Fluminense. Será mesmo?

— O diretor de futebol do Olaria desmente o boato do convite para Pirilo comandar o ataque dos «barris». Puro boato.

— Romeuzinho, atacante do Comercial, que vinha jogar no Fluminense e foi treinar no Bangu, ficou mesmo com os «mulatinhos rosados».

— Em Buenos Aires correu o boato de que o América estaria interessado no médio rosarino Cayetano Nieres, cujo passe está estipulado em 20.000 pesos.

— O Corinthians ficou indignado com o boato de que Gentil Cardoso pretendia levar para as suas fileiras o veterano atacante Perácio. O clube alvi-negro paulista anunciou que está apenas interessado em elementos novos, e não quer nada com as velharias.

— Carlito Rocha, em entrevista a um vespertino, declarou: O Botafogo é candidato ao título de campeão de 1948. O time do «Glorioso» será a surpresa do ano! E os nervos de Heleno?...

— O São Cristóvão desmentiu a transferência do extrema direita Cidinho para o Olaria, de vez que tem contrato até março, e o clube alvo deseja continuar contando com o seu concurso.

— O S. Paulo F. C., por sua vez, desmentiu o retorno de Neca ao time do São Cristóvão, porque o atacante é imprescindível ao seu conjunto.

— Teixeira voltará ao Rio para vestir a camiseta do Fluminense, segundo o desejo de Ondino Viera. O Botafogo receberá 60 mil cruzeiros pelo passe do atacante catarinense. Os entendidos acham que Teixeira longe dos nervos de Heleno renderá mais.

— O Corinthians estipulou no passe livre de Domingos da Guia para o Bangu o prazo de 4 anos para poder se transferir para outro clube. Em caso contrário, o Bangu terá que pagar 150 mil cruzeiros ao Corinthians. Seguro morreu de velho... porque Domingos um ano depois poderia ser tentado por um grande clube carioca.

— O Flamengo fixou os passes de Pirilo e Perácio, em 20 e 40 mil cruzeiros, respectivamente. Anuncia-se que Pirilo assinara contrato com o Botafogo.

— O Bangu, com o seu técnico mineiro Airton Moreira, está disposto a abafar a banca no campeonato de 1948, e ao que se diz a sua mais recente aquisição é o médio Barros, do Atlético Mineiro, que custará 140 mil cruzeiros, sendo 80 pelo passe e 60 de luvas

O "ENTÉRRO" DE MAXAMBOMBA...

José Bermudes, o popular Maxambomba, antigo avante do Palmeiras, da Floresta, e atualmente treinador de futebol em Bauru, é talvez o futebolista pátrio que mais percorreu os campos do Brasil, de sul a norte, gozando de grande fama.

Famoso pela maneira de fazer estardalhaços quando jogava, o seu espírito de brincalhão proporcionou-lhe muitas aventuras em sua longa vida esportiva.

Em 1920 Maxambomba atuava pelo América F. C. do Recife, Pernambuco. Tendo sido então organizado o campeonato futebolístico do Norte, chegou a vez do América ir a Belém do Pará, enfrentar o Clube do Remo, velho rival dos pernambucanos. Ao lado de Maxa faziam parte do quadro Alexy, Salerno e os irmãos Perez, todos paulistas. O grande jogo estava despertando muito interesse nas rodas esportivas paraenses, que contavam vencer os adversários.

O jogo tinha sido marcado para o domingo, véspera de Carnaval, e então, em acordo procedido entre os diretores de ambos os clubes, foi resolvido que o mesmo deveria se efetuar pela manhã, pois, além do calor que imperava à tarde, o público precisava gozar os folguedos carnavalescos. A não ser assim, o encontro ficaria privado de um bom número de assistentes.

Resolvido o caso, à hora marcada, pela manhã, os quadros pisaram o campo, sob as ordens do distinto esportista local sr. Viveiros de Castro, escolhido para árbitro. O entusiasmo que ia despertando o jogo era grande e a luta decorria sensacional. Num dado momento, porém, os avantes paraenses atingiram a meta do América, registrando um ponto. Tal feito foi recebido com protestos pelos pernambucanos, que alegaram ter sido o tento conquistado com a mão. No meio de grande barulho, o jogo parou, e Maxa, após tentar fazer o juiz anular o feito, pediu a seus companheiros que o seguissem, pois abandonaria o campo, em sinal

de protesto. O seu gesto foi seguido por todo o quadro. Os ânimos então se exaltaram contra Maxambomba, sendo necessário ser ele conduzido para o hotel em automóvel, escoltado por diversos marinheiros.

A tardinha, Maxa e seus companheiros permaneciam no Grande Hotel do Pará, no largo da Pólvora, quando alguém foi avisá-los de que os estudantes percorriam a cidade levando a efeito o «entérro» do responsável pelo incidente do encontro.

O nosso Maxa, metido num pijama, ao invés de evitar os manifestantes, disse que iria gozar uns momentos agradáveis, com surpresa de seus companheiros. Quando o «entérro» se aproximava do hotel, Maxa pediu a um colega que fosse trocar uma nota de 10 mil réis em moedas de vintens, ainda então em circulação no Norte. Que iria fazer com tal idéia?

Quando os manifestantes haviam chegado em frente ao local, algumas centenas de garotos, por entre a multidão, provocavam um vozerio infernal.

Morra Maxambomba! Bermudes morreu! E os gritos de desagrado continuavam...

Maxa ouvia a chalaça impassivelmente. Alguém o quis levar da sacada, mas o nosso herói, puxando do bolso um punhado de vintens, arremessou-os à rua. O efeito foi rápido: a garotada, então, procurava apanhar os vintens e, despreocupando-se do «entérro», agora pedía mais, no que era satisfeita, por entre gritos de «Viva Maxambomba! Viva o Maxa!».

Tal fato provocou, como era natural, grande confusão entre os manifestantes e tirou o «brilho» do «entérro», que em seguida foi dissolvido.

E o Maxa, a cada punhado de vintens que atirava, recebia da criançada novas ovações... e da sacada agradecia, com ares de triunfador.

Dias depois o jogo foi realizado de novo, e os pernambucanos foram os vencedores.



José Bermudes Maxambomba, andarilho do futebol brasileiro.

NA BORDA DA PISCINA



PELO "FITINHA AZUL"

A natação também faz parte da competição Pré-Olimpica que o Departamento de Esporte do Estado de São Paulo fará realizar em Abril próximo na capital bandeirante.

Sem dúvida, reside na parte da natação um dos pontos altos da representação brasileira nas próximas Olimpíadas de Londres.

No tocante ao belo sexo, as nossas possibilidades de chegar às quartas de finais, por exemplo, são relativamente das maiores. Piedade Coutinho Tavares está tinindo e Celia Brasil e Edith Groba, com esta em primeiro plano, se exercitam também com afinco esperando resultados satisfatórios.

★

Não seria demasiado voltar a bater sobre a t.c.l.a do que representa o trabalho de Helio Lobo à testa dos juvenis tricolores. Com um método útil e prático, ou seja o de conclamar às piscinas os garotos de boa vontade e ensiná-los dentro de um ambiente da mais íntima camaradagem a corrigir os seus defeitos, aprimorando suas qualidades, foi Helio

A CAMPEONISSIMA! — Edith Groba bem pode ser cognominada a campeonissima. Sagrou-se líder no nado de costas sul-americano dentro do seu sexo, em 1946, no Rio. Depois afastou-se das piscinas, e sucedeu a Celia Brasil, campeã sul-americana em 1947. Voltando, Edith recuperou rapidamente sua esplendida forma, vencendo Celia e merecendo o título em epigrafe. É uma das esperanças brasileiras nas olimpíadas de Londres, com Piedade Coutinho.



PULANDO BARREIRAS



PELO BARREIRISTA

Depois de Adilton Luz, teremos mais transferências. Aliás a história de Adilton é interessante e sintomática. Reparem bem um detalhe de capital importância: no dia em que ele assinava o boletim de transferência em favor do Botafogo, conversando com o diretor de Atletismo do Vasco, Emílio dizia não haver nada entre ele e o clube da Estréla Solitária, ser tudo boato, e solicitava a sua medalha de campeão...

...

A próxima conquista do Botafogo será também de grande monta — Hélio Coutinho da Silva! Os vascaínos é que não estão alarmados e afirmam que, apesar da deserção de todos esses valores, eles irão levantar o campeonato. E, para mostrar o seu bom humor, acentuou Ineco: «Se for preciso iremos buscar Triulzi»...

...

Oswaldo Gonçalves, falando à nossa reportagem, declarou: «No atletismo é assim... Mas o que importa é que vamos sair para outra. Os campeonatos estão aí, e vamos fazer valores e não campeonatos!... Os campeonatos, naturalmente, virão como consequência do trabalho honestamente realizado. Os outros são fabricados»...

...

Um torcedor de rua, depois de ouvir falar sobre a campanha de Carlito Rocha no Botafogo, sempre dentro do regime amadorista, e verificando a situação atual do atletismo, revolucionado com a série de transferências, exclamou: «Mas, afinal, Carlito não ia acabar com «aquilo» no profissionalismo? Como é que as coisas agora até no atletismo nadam?»...

Lobo galgando os degraus até atingir a plenitude do seu trabalho. Isso pode, sem dúvida, ser espelhado no fato de terem os petizes do Fluminense garantido

dois sucessos seguidos na Taça Superball numa eloquente demonstração de poderio, de renovação de valores, de trabalho sensato.



Horak, o goleiro da Checoslováquia e do Sparta de Praga, mostra-nos neste belo flagrante o seu estilo maravilhoso.

HORAK, UM GRANDE KEEPER

O QUE VAI PELO VELHO MUNDO

Por ALVARO SILVA
De Lisboa

A LIGA ESCOCESA VENCEU A LIGA IRLANDESA, POR 3 a 0 — No encontro realizado entre as equipas das Ligas Escocesa e Irlandesa, a primeira venceu por 3 a 0. O jogo teve lugar no "Celtic Park", em Glasgow e as equipas alinharam: *Liga Escocesa* — Miller; Cox, Young, Dean; Cowie e Macanloy; Smith, Gillin, Houlinton, Duncanson, Ormond.

Liga Irlandesa: Smyth; Mc Millan, Currie, Mc Michael; Liggett e Lawler; Mc Kena, Mc Cormick, Bradford, O'Neil e Derry.

Os tentos foram apontados por Houliston (2); Duncanson.

Estiveram em evidência: Houliston, Miller, Duncanson Young e Macaulay (L.E.); Mc Millan, O'Neil e Lawler (L.I.).

Como facto interessante, em face da próxima deslocação do Glasgow Rangers a Lisboa, a chamada de quatro elementos desse clube, para a equipe da Liga Escocesa: Cox, Young, Gillin e Duncanson.

Assistiram ao amistoso, 50.000 espectadores.

UM ARQUEIRO EUROPEU FALADO PELOS INGLESES

Como é sabido, o público britânico surpreende-se com os métodos dos goleiros europeus, pois os britânicos não usam esse método. O goleiro do Sparta de Praga e da Seleção do seu país, Horak, que esteve há meses em Inglaterra com o seu clube, foi muito falado na imprensa pela sua maneira espectacular de mergulhar. Deve, porém, citar-se, que os ingleses o consideraram um grande keeper.

PARECE EM VIAS DE RESOLUÇÃO, O "CASO QUEREJETA" — Chegaram-nos notícias de Espanha dizendo que o Real Madrid entrou já em negociações com o seu defese Querejeta, que abandonara o futebol na passada época, em face do seu clube não corresponder aos pedidos do zagueiro internacional. Parece, porém, a dúvida se ele estará agora disposto a alinhar pelo Real Madrid...

O ARSENAL INTERESSADO EM HOULISTON — A grande equipe Londrina do Arsenal mostra-se interessada na aquisição do centro-avante Houliston, que alinou pela Liga Escocesa obtendo dois magníficos tentos. O citado jogador pertence ao Queen of The South, e é um jovem cheio de qualidades: no recente desafio entre as Ligas Escocesa e Irlandesa, ele foi o melhor homem em campo.

O ASTON VILLA REFORÇA-SE — A famosa equipe Inglesa do Aston Villa conseguiu uma transferência que muito deve reforçar o "onze". Trata-se do meia-esquerda Brown, que vimos actuar no Estádio Nacional, pela equipe da R. A. F. e que, então, nos impressionou fortemente, tendo como companheiro na pontasquarda, o maravilhoso Leslie Smith. Ora, como este jogador joga no Aston Villa, segue-se que se reconstitui uma asa-esquerda de grande classe.

O COMANDANTE DA OFENSIVA DO VALENCIA REGRESSOU — O centro-avante do Valencia, Mundo, que estava afastado da equipe por lesão, encontra-se restabelecido e já alinou pela turma do seu clube. Mundo, que foi várias vezes internacional, é um excelente artilheiro, mas já não é um jovem. Pode, porém, ser ainda muito útil ao "team" valenciano.



Mundo, centro-avante do Valencia de Espanha, que regressou aos campos da bola, já curado duma grave lesão

ATLETISMO

JUVENIS, MAS JUVENIS...

UM PROBLEMA DO NOSSO ESPORTE-BASE — A DEFICIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE VALORES — MORFOLOGIA ERRADA

Por DECATLETA

Na classificação estabelecida pela nossa Federação Metropolitana de Atletismo figura no certame destinado à categoria de juvenis três classes distintas, ou sejam: juvenis de 1ª categoria, juvenis de 2ª categoria e juvenis fortes, ou uma espécie de infantis, juvenis e amadores em futebol, como se classificavam antigamente, de acordo com a idade.

Sem dúvida, isto representa um erro, um erro tão evidente que chegou o dia em que os dirigentes do futebol observaram-no tão claramente, a ponto de modificar na íntegra tal categoria, ou melhor dizendo, tal nomenclatura. Em atletismo está para suceder o mesmo. Precisamos é bem verdade, da renovação de valores, mas não se processa cientificamente a evolução dos atletas seguindo uma estrutura traçada como esta. Da mesma forma que um infantil não deve jogar futebol, participando de competições oficiais, entregue aos esforços de uma jornada rude para ele, um juvenil de 1ª categoria, por exemplo, — falando em tese, — sentirá o peso de competições seguidas e irá apenas lesionando-se às vezes cedo, para chegar a veterano, quando deveria estar dando os seus primeiros passos numa categoria superior.

Evitaríamos, outrossim, retirar o estímulo de uma criança, exposta muito cedo às disputas, porque qualquer estudioso no assunto sabe perfeitamente que, mesmo afastando todos os empecilhos característicos, existem naturezas humanas que só começam a render de acordo com

a sua capacidade depois de atingir um determinado nível de idade e, consequentemente, após ter alcançado uma formação morfo-fisiológica mais avançada.

A deficiência dos nossos campeonatos de estreantes, na maioria com índices técnicos quase nivelados às «competências» de juvenis fortes, constituem, às vezes, outro fruto maléfico.

Claro, porque na classificação actual pouca diferença está estabelecida entre uma e outra classe. E isto não está certo na evolução natural das coisas, é sintomático de desorganização e estabelece uma falta de solução de continuidade dentro de um padrão métrico no avanço progressivo de um atleta quanto à sua capacidade técnica e seu rendimento físico possível.

Assim, vamos pleitear, vamos nos bater por uma só classificação: queremos juvenis, mas juvenis. Os técnicos terão mais cuidado de preparar um atleta desde cedo para as futuras competições, extraindo-lhe defeitos básicos, ensinando-lhe com tempo as menores particularidades, a fim de que, quando entregue numa pista ou no campo, tenha capacidade e experiência relativa bastantes para conseguir dentro de suas possibilidades tudo que pode render.

Essa uma estrada certa a seguir, e essa uma estrada certa para armar as futuras representações nacionais, porque o mal do desporto em nossa pátria continua sendo fruto das más orientações que ele sofre em todos os setores, principalmente na estrutura básica do cérebro da nossa administração máxima.

Oportunamente voltaremos a abordar esse assunto, o qual deverá constituir, sem dúvida, objeto de estudos nos primórdios do corrente ano nas assembléias dos técnicos de clubes. Sim, porque é este um capítulo que diz respeito ao assunto. Nessa espécie de plenário, em que deve ser abordada a questão, não são os diretores e sim os técnicos os consultados, porque eles é que estão a par de todos os problemas complexos de suas administrações e das possíveis soluções. Os diretores muita vez são até leigos no assunto e não podem, por conseguinte, resolver uma questão de ordem puramente técnica...

Estreantes de 1948

Por SYLVIO RANGEL
Vice-Presidente da F. M. T. M.

A minha crônica de hoje vos é dedicada, jovens estreantes de 1948, legítimo sangue novo da F. M. T. M.

Sei que deveis estar preparados tecnicamente, sei que os diretores de vossos clubes vos ministraram magníficos ensinamentos e vos orientaram sábiamente, mas não posso me furtar ao dever e à satisfação de vos auxiliar no início de vossa jornada no Tenis de Mesa. Sois, de agora em diante, amadores de um esporte fidalgo, de um esporte de salão que exige de seus praticantes, habilidade manual, pronta decisão e golpe de vista a par de uma impecável correção de atitudes.

Deveis vos dedicar a ele — "por gosto ou distração, por bem físico e moral, sem tirar de sua prática o menor benefício material direta ou indiretamente". — Deveis, desde já, vos acostumardes a controlar os vossos nervos, não só em vosso próprio benefício, como também em atenção ao vosso leal adversário e à assistência que vos aplaude e incentiva.

Deveis, desde o início de vossa carreira tenística, aprender a considerar — "a vitória e a derrota como embustes que são da fortuna ilusória" e manter o mesmo semblante alegre ao cumprimentar o adversário, quer como vencedor, quer como vencido.

A prática do esporte amadorista com lealdade e entusiasmo, já é uma vitória, qualquer que seja o resultado numerico da partida, e a experiência ensina que, enquanto tais resultados são esquecidos com facilidade, a atitude dos jogadores é apreciada ou criticada por muito mais tempo.

Não deveis, nunca, subestimar as forças do adversário pois, se vencerdes, estareis diminuindo o brilho de vossa vitória e, si perderdes, estareis agravando a vossa derrota.

Não vos deixeis impressionar com o ambiente, quer seja a favor ou contra vossas cores, pois já assisti muita derrota e muita vitória consequentes a este fator, que com um pouco de força de vontade podereis afastar logo no

(Continua na pág. 12)

De revés

Por CANHOTINHO

Em sua crônica sobre os melhores de 47, o vice-presidente da F. M. T. M. cometeu a nosso ver uma grande injustiça, não se referiu a Wilson Severo, que além de ostentar o invejável título de vice-campeão de duplas da América do Sul, confirmou sua classe, sagrando-se Campeão Carioca de Duplas do ano passado.

— Si a F. M. T. M. tivesse organizado um Torneio a fantasia, não teriam faltado concorrentes "mascarados", e os finalistas provavelmente seriam: Camilo do Vasco, Carlos Pinto, do Flamengo, Da la Peña, do Municipal e Neves, do América.



A equipe portuguesa, que venceu a Bélgica por 6-3. Da esquerda para a direita: Olivério Serpa, Sidónio Serpa, Antonio Henriques, Cipriano Santos, Correia dos Santos e Vasco Velez.

PORTUGAL DERROTOU A BELGICA

6 A 3 O RESULTADO DO INTERNACIONAL DE HOCKEY EM PATINS

Por ALVARO SILVA
De Lisboa

Com o mesmo cenário em que se disputou o Campeonato da Europa e do Mundo, realizado em Lisboa, jogou-se a pugna Portugal-Bélgica no magnifico recinto do Pavilhão dos Desportos que se encheu completamente dum público tão numeroso como entusiástico, que veio confirmar uma vez mais, o interesse e carinho que todos os desportistas portugueses nutrem pelo Quei Patinado. Também a Patinagem Artística se firmou na velada de quinta-feira: a graciosidade e encanto da portuguesa Edith Cruz, do par belga Gilberta Aest-M. Meeus e das belgas Josefa Cré e Fernanda Van Aken, deixaram uma profunda e inapagável impressão de suavidade e sonho, no espirito de todos os espectadores que aplaudiram calorosamente todas as caprichosas evoluções, desenhadas no recinto de patinagem do Pavilhão dos Desportos.

O encontro entre as seleções de Portugal e da Bélgica era o número de maior interesse: havia a grande curiosidade de saber qual a forma atual dos campeões do Mundo, que este ano terão que defender o honroso título. E no final o público saiu satisfeito: a turma portuguesa não se encontra a jogar nos seus melhores jogos mas denota absoluta capacidade de adquirir a sua melhor forma. Alguns jogadores estão em pleno rendimento já (caso de Sidónio e Olivério), um denota forma menos boa que anteriormente (Correia dos Santos), notou-se a falta dum dos nossos melhores elementos (Jesus Correia) e os dois estreantes não se comportaram mal, antes pelo contrário, especialmente no que se refere ao defesa Antonio Henriques.

Sob a arbitragem do juiz Português Martins Correia, as equipas alinharam:

Portugal: Cipriano dos Santos; Ant. Henriques; Sidónio Serpa;

Olivério Serpa e Correia dos Santos.

Bélgica: Borghis; Bogaert; Cossaerts; Vervloedt e Huyghe.

Logo na primeira avançada os portugueses marcaram: a bola foi rapidamente de Sidónio a Correia dos Santos e o remate partiu velocissimo, indo a bola aninhar-se nas balizas belgas.

Aos 5m. registou-se o tento (Continua na pág. 12)

DESSPORTISTAS!

Amadores e profissionais

Consigam melhor "performance" nos seus esportes favoritos, usando equipamentos adequados.

A nossa SECÇÃO DE ESPORTES apresenta um escolhido sortimento de artigos em geral, assim como equipamentos para instalações completas de ginásios e "play grounds" em clubes e estabelecimentos escolares.

E, se a aquisição destes artigos apresentar alguma dificuldade, lembrem-se de que

UM Credi-MESBLA RESOLVE SEU PROBLEMA



MESBLA
RUA DO PASSEIO, 48-54 - RIO

Descontos especiais para clubes e escolas



VOLLEY BALL



FOOT BALL



ATLETISMO



ESPORTES AQUÁTICOS

SÃO PAULO
B. HORIZONTE
NITERÓI



BASKET BALL



TENNIS



ESGRIMA



BOX

PELOTAS
PORTO ALEGRE
RECIFE



PAGINA do LEITOR

FEITA PELO LEITOR, PARA O LEITOR

AQUI
se responde
ao LEITOR



Friça, atacante do Vasco, visto pelo leitor Antonio Alves Vitória, de Feira de Santana, Bahia.

"COMO E PORQUE SOU FLAMENGO"

Por MARIO SIMAO
(De Palmas-Minas)

1938... Quase ninguém previa a aproximação veloz da catástrofe máxima que o mundo viria a conhecer... E' que, naquela época, a imprensa e o rádio, por consequência, o povo, as multidões, estavam absorvidos nas sensacionais notícias do campeonato mundial de futebol a ser travado em terras européias. Por toda parte, em todos os cantos, em todas as classes, seu desenrolar era acompanhado e comentado com invulgar entusiasmo. Era o assunto predominante em qualquer roda. O Brasil, como concorrente forte ao título máximo, ia arruinando as pretensões de seus bravos rivais com um futebol maravilhoso. Levámos dois esquadrões que revolucionaram a crítica universal. O primeiro, ou seja, o azul, era constituído por Walter (que superara Batatais), Domingos, Machado, Zezé, Martin, Afonso, Lopes, Romeu, Leonidas, Perácio e Hercules. O outro, quadro branco, contava com Batatais, Jaú, Nariz, Brito, Brandão, Argemiro, Roberto, Luizinho, Niginho (que, infelizmente, não pôde jogar), Tim e Patesko. Eram vinte e dois elementos que pareciam carregar, individualmente o dicionário do futebol "perfeito", tal

a técnica empregada. Vencemos primeiro a Polónia, por uma contagem exótica na verdade, porém, com tanta fibra e galhardia, que foi o bastante para exaltar nosso feito. (Batatais foi o arqui-rival nesse prêmio, falhando lamentavelmente). Vem o segundo jogo com a Tchecoslovaquia, tendo como resultado um inesperado empate por um tento. O jogo rude dos Tchecos atingindo nossos defensores, contribuiu grandemente para que eles chegassem ao término do tempo regularmente, em igualdade no placard. Foi preciso, então, novo embate, que compeliu Pimenta, o nosso hábil preparador, a pôr em campo o quadro branco, conservando exclusivamente o centro-avante Leonidas que já era considerado o número um do campeonato. Usando sistematicamente da brutalidade, os Tchecos venciam pelo escore mínimo, quando os nossos, em golpes de arrojo, conseguiram igualá-lo e levar de vencida o terrível rival com a marcação de mais um tento de Leonidas, o autor daquele que nos deu direito ao desempate.

Contra a Polónia ele fez coisas incríveis, inclusive o "goal" da vitória, marcado sem chuteira. Os Bares de minha terra ficavam repletos de ouvintes que procuravam acompanhar, através da vibrante irradiação do "speaker" Gagliano Neto, as façanhas de nossos heróis. Romeu, Martin, Domingos, Leonidas, sobretudo estes dois últimos, empolgavam a assistência e os ouvintes com suas jogadas de mestres. Eu, que estava longe da adolescência, ficava, infalivelmente, não obstante ser pisado, jogado para o ar, entre aqueles punhados de torcedores, na ânsia de rejubilar-se com as retumbantes vitórias de nossas cores.

Parecia que o ambicionado título vivia desta feita, premiando nosso esforço e dignidade, porém, não podia ser... Leonidas, o nosso melhor atacante, o temível goleador, que se machucara no primeiro e segundo jogo com os Tchecos, não pôde participar daquele que seria, praticamente, o decisivo.

Foi contra a Itália. Niginho estava, também, na mesma condi-



Bauer, médio do S. Paulo F. C., visto pelo leitor Antonio Barberino.

ção, em virtude de seu "caso". Nessa situação crítica, Pimenta viu-se na contingência de deslocar Romeu para o centro, entrando em seu lugar Luizinho. Com essas modificações perdemos cinquenta por cento de agressividade e harmonia. Contudo, não foi fácil aos Italianos saírem vencedores por dois a um, assim mesmo com um "goal" feito de penalti, imprudentemente praticado por Domingos. (Logo ele!)... Ultimando nossos compromissos vencemos folgadoamente os Suécios, garantindo um honrosíssimo terceiro lugar.

Daí para cá, passei a ir com mais frequência aos campos e procurei um grande Clube do Rio, para torcer por ele. Qual seria? Lembrei-me da seleção que acabara de regressar, tendo o Clube



Domingos da Guia, zagueiro direito do Corinthians, visto pelo leitor Aglaide Carvalho, de Uberaba, Minas Gerais.

de Regatas do Flamengo dado o maior número de seus integrantes. Eram eles: Walter, Domingos e Leonidas, três "cracks" consumados. Deste modo, escolhi-o e acertadamente. De ingenua criança, já eu me sentia fanatizado pelo futebol, chegando às vezes, ter ligeiras rixas com meus companheiros. Naquela ano, tirámos o segundo lugar, para no seguinte, 1939, após árdua disputa, saímos laureados com o título de campeão. Em 1940 e 1941, fomos novamente vice-campeões, sendo os três anos seguintes, propícios para alcançarmos o que era aguardado veementemente, desde há muito: o grandioso título de tri-campeão! Foi uma demonstração titânica de todos aqueles que o defendem em quaisquer setores. Nos dois últimos anos ficámos em terceiro lugar, posição essa que bem mostra o seu valor, apesar de grandes pezares. Cobrindo-se de glórias em sua peregrinação, ele vai conquistando milhões e mais milhões de fãs, que se espalham por esse Brasil imenso! Hoje, orgulhosamente, eu trago na memória e no âmago do coração, aquela célebre frase: "Uma vez Flamengo, sempre Flamengo".



Berascochêa, médio do Fluminense, visto pelo leitor Dauro Brício, do Espírito Santo.

O. Brandl (Laguna-Santa Catarina). O seu comentário "Qual o team campeão de futebol do Brasil?" está interessante e será publicado.

— Raphael Alberto Sant'ana (Cachoeiro do Itapemirim — Espírito Santo). O Oberdan não está enquadrado nos requisitos mínimos.

— Aglaide Carvalho (Uberaba-Minas). O Otavio que desenhou será estampado.

— Osvaldo Perini (São Paulo). A fotografia do "Grêmio Esportivo Tricolor de Indianópolis" será publicada assim que reaparecer a seção "Brasil Futebolístico".

— Getulio Rosa Silva (Nova-Friburgo). Rejeitado o Caxambú que desenhou.

— Odilon Lirio (Blau Nunes — Rio Grande do Sul). A sua observação é exata, e será publicada. Gostariamos de ter um correspondente em Porto Alegre, que pudesse relatar aos leitores desta revista. Quanto a parte que se refere aos jogadores gauchos mais conhecidos, é preciso notar que o ESPORTE ILUSTRADO já publicou duas reportagens, uma do Tesourinha e outra do Nena.

— Milton Vilanova (Caxias — Maranhão). Os endereços dos clubes cariocas têm sido constantemente publicados nesta coluna. Veja a coleção.

Ziraldão A. Pinto (Caratinga — Minas). Desta vez a sua arte falhou, o Oberdan não está parecido. Tente outros, que se estiverem em condições publicaremos. Jogadores do interior, somente os da Liga de Belo-Horizonte.

— C. M. Gonçalves (Rio). O seu comentário foi encastado. O keeper Castilho, do Fluminense veio do R. Grande do Sul, e a sua fotografia está na capa deste número. O Orlando já foi publicado varias vezes. Quanto aos demais, aguarde.

— Geraldo Baia. (Rio). O seu comentário "Flávio, o injusto" será publicado.

L. K.

O APITO nº1 cantou a vitória antes do tempo...

O MALABARISTA TREINA EM CASA

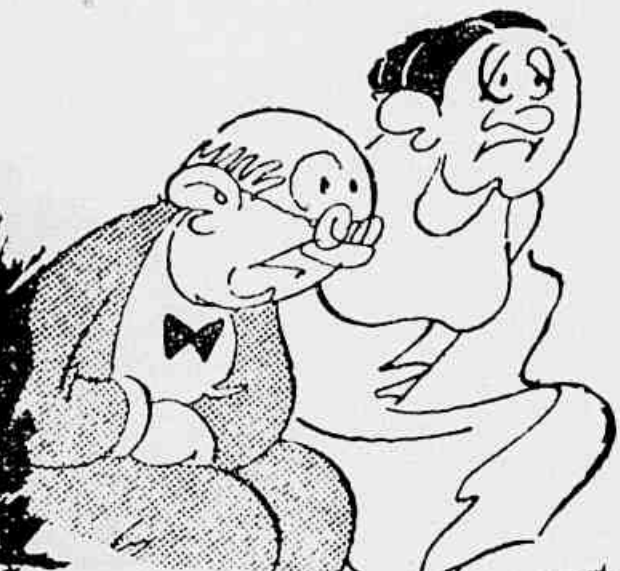


MINHA FILHA JA APRENDESTES BASTANTE! PODES, AGORA, MONTAR UM CAVALO

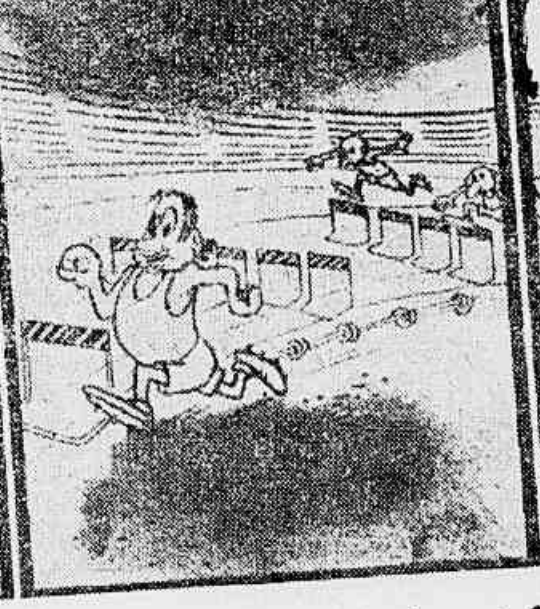
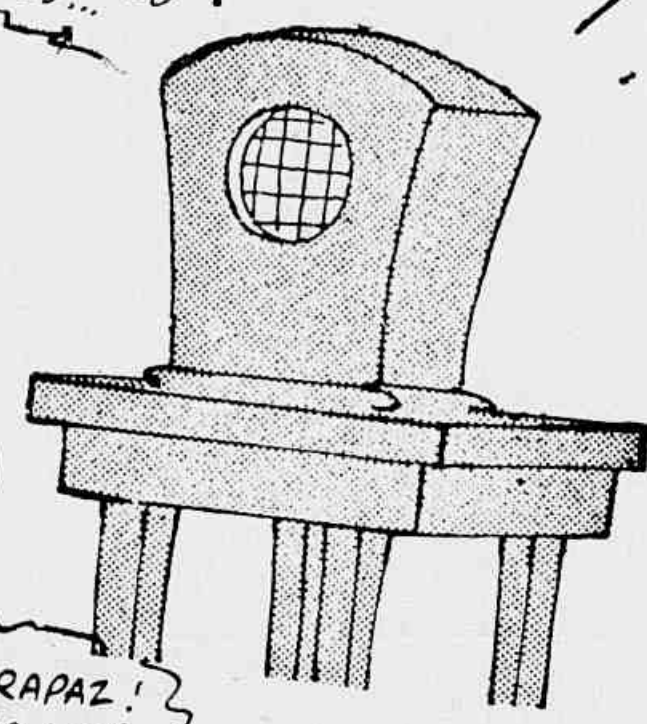


O ARQUEIRO DO AMERICA JA SE EMPREGOU MAIS DE VINTE VEZES...

BOLAS NA TRAVE



QUE SORTE A DESSE RAPAZ! O NOSSO FILHO ANDA HA ANOS ATRAZ DE UM EMPREGO E NAO CONSEGUE NADA!



O "ATLETA PERFEITO" ESQUECEU, APENAS, O PRINCIPAL... POR NATO DO "ESTADIO"



O Bahia, que conseguiu superar o Remo: em pé, Pedrinho, Rodrigues, Evlasio, Arnaldo, Lessa, e Zé Grilo. Ajoelhados: Velau, Jereco, Fabrino, Zé Hugo e Isaltino.

Tião sobre as barras do Bahia. Foi tão violento e de uma rapidez incrível, que, além da impressão de que penetraria no fortim de Lessa, a própria trave superior sentira abalo.

A segunda decepção remista foi causada por aquele goal que Gejú levava nos pés para presentear Lessa. Foi um minuto em que todas as respirações ficaram suspensas. Gejú obtivera uma folga de Arnaldo e dela se aproveitou. Transpondo-o, viu-se sozinho rumo à baliza. Logo lhe foi ao encaixo quase toda a defesa baiana. Não importava ao center azul. Estava habituado. E transitou com a bola presa aos pés, despachando os importunos rivais que o perseguiram. Era a bola de sua especialidade. Tendo-a a seu jeito iria deixá-la no arco. E quando todas as bocas proferiram o "goal!" que coroaria o lance, Gejú surpreendentemente expede um tiro alto.

Do mesmo teor é a façanha de Rodrigues. Consegue escapar e fecha sozinho para o arco paraense. Falta-lhe apenas um metro. Erra...

RAM ONZE CEREBRAIS BAIANOS NTRA ONZE CORAGENS ESPARTANAS...

Este Clube Bahia está satisfeito com suas aspirações. Cumprir sua principal missão que o trouxe ao Pará: pela primeira vez o Clube

uma luta empolgante, a de toda a temporada, adeiramente helenica.

Quando a sua vitória ou supremacia porque foi num instante de dúvida o traço marcante de um heróico. Uma bola enrosnada nas redes azuladas não lhe opôs a óbvia "impedimento" claro e clamado por todo o estádio pela sua própria consagração. Mas a sua voz soberana o contrário e o Clube do Pará não considerava no campo a força inimiga mas de cordial e amiga, aceita que desde aquele momento de mágoa o coração de seus atletas, so, porém, não tirou ao quadrão o direito de se sentir triunfante, pois o seu em campo foi nova demonstração da sua capacidade da bravura de seus

se que a tarde esportivista de grande êxito. Isso aconteceu acima das expectativas, e a consagração no transbordamento, a despeito de plebiscito de carnaval e de chuscas.

A vitória foi realmente de gala. As contas a ajustar. Não se são cobradas sob a mais forte, com ameaça de spejô e humilhação. Era um brio elevado, uma de contas onde aumentaria o saldo de conta aberta entre duas que marcam a tradição da cidade em que viu-se se constituíram um

O público assistiu a um espetáculo, cujo equilíbrio a todo instante milhares de olhos, fatais, belas e esdrúxulas uma pegada num se-

gundo extremo ou de uma ofensiva que se pensava decretar uma vitória como aquela de Gejú...

Viveu-se noventa minutos de indecisões e de ansias insofridas. Eram aqueles onze cerebrais baianos enfrentando onze coragens espartanas.

Era a Bahia de longe vindo perto de nós arrancar o centro de invencibilidade que o Remo escondia nas dobras e nos refofos da alma azulina...

Que beleza de luta! Um exército poderoso, que, no campo da Graça, é o demolidor dos maiores mestres do futebol brasileiro, enfrentando um clube paraense, cujo passado é tão heróico que a cidade comparou um dia a sua bravura com a dos leões nas florestas. E daí a voz do povo, a voz e o anseio que o acompanham, crismando-o de Leão Azul...

E os dois foram dignos da batalha. Respeitaram-se mutuamente e defenderam com ardor incrível a sua bandeira.

Lutaram corpo a corpo. Não houve um instante de treguas. O balão era impelido ora com a fúria ciclônica de um balasio como o de Tião, ora quando Arnaldo, a alma e o coração da equipe, anulava, como um gigante transfigurado, as diabólicas pretensões remistas.

Todos os noventa minutos da pugna decorreram assim.

A vitória baiana se desenhou da forma a que aludimos, sem que isso importe desprestígio técnico do grande esquadrao. Si na luta houve perfeita distribuição de energias, as do Remo se geraram no entusiasmo tradicionalmente sagrado que o faz transpor as coisas impossíveis. As energias baianas, além de sua vibração incontida, foram orientadas por um preparo técnico que é o principal fator de seus êxitos.

Nesse confronto não há negar que o "esquadrao de aço" é evidentemente superior a qualquer outro do Norte. E o Bahia pode considerar-se o esquadrao líder do futebol do Norte.

Foi admirável a sua conduta no gramado. Vencer o Remo e per-

Escreve EDGAR PROENÇA

der até para o mais humilde clube dos suburbios. Mas vencer o Remo. E a sua tarefa estava cumprida.

A Bahia pode receber de volta os defensores de suas cores. Eles se tornaram dignos da fama que os sagrou como dos maiores do futebol nacional e cimentaram, pela sua atitude disciplinar, as simpatias com que a cidade-morena sempre acolhe a alma baiana.

Da luta de anteontem ficou essa admirável lição de cordialidade. Não se registrou o menor incidente e nenhum atleta azulino deixou o campo guardando consigo a sombra de uma queixa ou ressentimento.

Quando o juiz encerrou a peleja, foram dos azulinos os primeiros abraços aos seus companheiros do Bahia.

O Remo teve esse lindo gesto.

O Bahia depois saiu envolvido pela emoção de Paula Filho, o grande baiano, de Heitor Cunha, devotado chefe da delegação; envolvido pela comovida alegria de uma conquista cuja significação só mesmo o brio de quem ama uma bandeira pode experimentar.

O Remo saiu de campo com a cabeça erguida. Com a certeza inabalável de que também é forte e heróico.

A cidade é que ficou desolada. Decorriam mais de quarenta minutos que havia findado a pugna e as arquibancadas continuavam cheias, sob a inquietação de quem não acreditava naquilo...

Depois veio a noite e apagou todas as emoções...

ALGUMA COISA DO JOGO

O desenrolar da partida não ofereceu vantagens de predomínio a qualquer dos bandos. Apenas a marcação do unico ponto da tarde causou mal estar na equipe azulina que se julgou espoliada mantendo-se entretanto sem a menor expansão de protesto o que iria perturbar a harmonia reinante.

Uma das passagens emocionantes da peleja foi o petardo de



O juiz da pugna Remo x Bahia. Dante Correia



ORA, PILULAS!
pelo FARMACEUTICO M.P.



1

«Os juizes Nobel Valentini e Eduardo Fortes não servirão ao Vasco da Gama no Torneio dos Campeões!»

Referindo-se aos árbitros uruguaio e argentino, o técnico Flávio Costa acentuou que eles sempre serão mal intencionados e parciais para com os nossos, lembrando então as mais recentes atuações dos mesmos nos jogos do Atlântico e da temporada do Flamengo, além dos selecionados. Até que enfim os nossos dirigentes tomam uma medida de caráter firme contra essas repetidas más «performances» dos árbitros estrangeiros.

2

«Voltando ao Fluminense, Ondino Viera estabeleceu um plano trienal. Procurará renovar os quadros tricolores num período de três anos.»

Trata-se, evidentemente, de uma medida de interesse geral, porém interessante para a renovação de valores. Sem dúvida, crescendo num ambiente de maior assistência e médica, o jogador, assim, poderá no futuro produzir mais. Todavia, ao torcedor interessa que o Fluminense tenha um quadro de primeira grandeza, que produza no campo e que combata de igual para igual com os seus maiores adversários. E o torcedor tem razão. Porque é ele quem paga, e o Fluminense possui um patrimônio que não pode prescindir de tal coisa.

3

«O Torneio é dos campeões, mas o Vasco da Gama e o River Plate serão os únicos clubes que não jogarão reforçados.»

Uma medida que carecia de interesse e fosse evitada, mas que enche de gáudio a todos nós e particularmente ao futebol argentino e brasileiro. Cada conjunto campeão levou consigo para Santiago jogadores de outros co-irmãos, enquanto que os campeões argentino e carioca resolveram desafiar a potencialidade dos adversários com o seu próprio potencial...

CIGARROS CONTINENTAL

Epoca 4



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

